

APAV®



associação portuguesa de
Apoio à Vítima

RECORTES DE IMPRENSA

ABRIL 2018



APOIO



THE HOUSE OF PR



APAV atendeu no ano passado 40.928 pessoas Maioria das vítimas sofre durante anos até pedir ajuda

A maioria das pessoas que, no ano passado, pediu ajuda à APAV era vítima continuada de crimes, com destaque para os 365 casos que eram alvos de agressores há mais de 20 anos, revelou ontem a associação.

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) atendeu no ano passado 40.928 pessoas, tendo identificado 9.176 vítimas, segundo o Relatório Anual 2017 ontem divulgado, que aponta a violência doméstica como o principal crime cometido.

Quando a maioria dos casos chegou ao conhecimento da as-

sociação, as vítimas já carregavam um longo historial de violência.

Quase sempre foi a própria vítima que pediu ajuda, mas também houve muitos familiares e amigos que decidiram tomar a iniciativa e alertar a APAV.

Apenas 12% dos casos reportados no ano passado diziam respeito a situações pontuais de crimes, havendo outros tantos casos (13%) em que não foi possível perceber a duração da vitimização, segundo o relatório que analisou a situação de 7.107 pessoas. **JM**



APAV prestou a apoio a 110 vítimas de violência na região

Das 9.176 pessoas apoiadas em 2017 pela APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 110 eram da região, das quais 23 do concelho de Leiria.

Segundo o seu último relatório anual, a instituição registou um aumento de 19,2% de atendimentos no ano passado (40.928 no total) face a 2015 (34.327). Este balanço consubstanciou-se em 12.086 processos e 21.161 crimes.

Entre as vítimas apoiadas, sobressaem as mulheres (5.036 casos), seguindo-se os idosos (944), crianças e jovens (810) e os homens (775). No que toca ao tipo de violência, lidera a violência doméstica (75,7%).

Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente o *stalking*/perseguição (422), o abuso sexual de crianças (175 crimes) e o cibercrime (25). Foram ainda registados 113 casos de *bullying* e 212 crimes de danos. Quanto ao perfil da vítima, a APAV conclui que a maioria é do sexo feminino (82,5%), com idades entre os 25 e os 54 anos (38,9%).

23

O concelho de Leiria destaca-se no apoio prestado pela APAV na região, com 23 sinalizações. Seguem-se Alcobaça (13), Marinha Grande (12), Caldas da Rainha (11), Ourém (10), Peniche (8), Pombal (6), Porto de Mós (6), Ansião (4), Alvaiázere, Bombarral, Nazaré e Óbidos (3) e Batalha (2)

No que toca ao estado civil, as vítimas eram sobretudo casadas (28,2%), solteiras (23,1%) enquanto 33,4% pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos/as.

“Da análise efetuada aos dados da APAV é possível confirmar a existência de um número superior de autores de crime, face ao número de vítimas”, é referido. Assim, no ano passado, a APAV registou um total de 9.481 autores/as de crime, sendo mais de 80% do sexo masculino.



MAIS DE 9 MIL VÍTIMAS IDENTIFICADAS PELA APAV

Os dados são de 2017 e foram divulgados, esta semana, pela Associação de Apoio à Vítima (APAV) que regista mais de 40 mil pessoas atendidas. Houve um aumento de 19% entre 2015 e 2017, tendo a APAV identificado 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.



SARA SILVINO

ssilvino@tribunadamadeira.pt

Segundo dados divulgados, na passada terça-feira, dia 27, do Relatório Anual da Associação de Apoio à Vítima (APAV), em 2017 foram registados um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

A APAV refere que os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, destacando-se os crimes de violência doméstica (75,7%).

Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente, o abuso

sexual de crianças (175 crimes), o 'stalking'/perseguição (422) e o cibercrime (25).

O relatório em causa indica, "nas restantes dimensões criminais, os destaques vão para os crimes patrimoniais - o crime de dano com 212 registos (1%) - e para as outras formas de violência - 'bullying' com 113 casos (0,5%)".

Segundo a informação da APAV, a maioria das vítimas eram do sexo feminino (82,5%) e tinham idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (38,9%).

No que se refere ao estado civil, as vítimas eram sobretudo casadas (28,2%), solteiras (23,1%) enquanto 33,4% pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos/as.

Em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,4%) e mais de 30% das vítimas encontravam-se profissionalmente ativas.

No relatório é referido: "Da análise efetuada aos dados da APAV é possível confirmar a existência de um número superior de autores de crime, face ao número de vítimas".

Neste sentido, no ano passado, a APAV registou um total de 9.481 autores/as de

crime, sendo que destes/as, mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%). De acordo com os dados recolhidos, cerca de 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (32,1%), sendo que o tipo de vitimação continuada foi o mais registado em 2017, representando 75% dos casos.

No que se refere ao local do crime, a residência comum foi a mais referenciada, seguida da residência da vítima e o lugar/via pública. Os dados indicam também que em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa/denúncia junto das entidades policiais.

Os dados da Associação de Apoio à Vítima apontam para diferentes tipos vítimas: 944 pessoas idosas, com mais de 65 anos (em média três por dia e 18 por semana), 810 crianças e jovens (duas por dia e 16 por semana), 5.036 mulheres adultas (14 por dia e 97 por semana) e 775 homens adultos (duas por dia e 15 por semana).

De salientar, os dados estatísticos dizem respeito aos processos de desenvolvidos presencialmente, no ano passado, por telefone e 'online', realizados pelos serviços de proximidade da APAV. ■



MAIS DE 600 PESSOAS RECORRERAM AOS SERVIÇOS DA APAV NA REGIÃO EM 2017

Associação de Apoio à Vítima confirma que 82% das vítimas são mulheres

Em Setúbal foram 154 os processos de pedido de apoio a dar entrada nos serviços da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em 2017. Relativamente ao ano anterior houve menos 39 processos registados e as mulheres continuam a ser as vítimas mais comuns.

TEXTO **ROBERTO DORES**
IMAGEM **SM**

Os pedidos de ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) baixaram no distrito de Setúbal no ano passado, representando a região 6,62% do total de crimes e outras formas de violência no país. Porém, a capital de distrito continua a registar um significativo número de processos de apoio, tendo chegado aos 154. Segundo os dados revelados no relatório anual que a associação apresentou - e no que diz respeito aos crimes e outras

formas de violência - os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total, com grande destaque para os crimes de violência doméstica (75,7%). Já nas restantes dimensões criminais, sobressaem os crimes patrimoniais e as outras formas de violência, como é o caso de bullying. Por concelhos, além dos 154 registos participados em Setúbal, é Almada que exibe o segundo lugar desta lista, com 121 vítimas apoiadas pela APAV, enquanto o Seixal chegou às 83. Palmela (70) também apresenta uma clara subida, ao passo que Barreiro e Moita se fixaram ambos

nos 45 registos. Segue-se Montijo (38), Seixal (30), Alcochete (9), Sines (6), Santiago do Cacém (5) e Grândola (2). De acordo com o presidente da APAV, João Lázaro, 82,5% das vítimas são mulheres, com uma média de 42 anos de idade, enquanto o estado civil destas vítimas dividia-se sobretudo entre as vítimas casadas (28,2%) e as solteiras (23,1%) e pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos (33,4%). O relatório a que o Sem-Mais teve acesso indica que, em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,4%) e mais de 30% das

vítimas encontravam-se profissionalmente ativas. Ainda segundo a análise efetuada aos dados da APAV é possível confirmar a existência de um número superior de autores de crime, face ao número de vítimas, dos quais mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%). Cerca de 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (32,1%). O tipo de vitimação continuada foi o mais registado em 2017, representando 75% dos casos. Os locais do crime mais referenciados foram a residência comum, a residência da vítima e a via pública.



Em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa ou denúncia junto das entidades policiais.

Aumento da resposta de proximidade

Já quanto aos processos relacionados com a resposta de proximidade, o distrito de Setúbal seguiu a tendência da subida nacional com um total de

473 registos, traduzindo mais 74 processos face aos 399 de 2016. A região manteve a quarta posição entre os distritos portugueses, apenas atrás de Lisboa, Porto e Coimbra. Os dados estatísticos dizem respeito aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e 'online', no ano transato, pelos serviços de proximidade da APAV. •



APAV contabilizou mais de nove mil vítimas em 2017

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) atendeu no ano passado 40.928 pessoas, um aumento de 19% entre 2015 e 2017, tendo identificado 9.176 vítimas, segundo dados divulgados Terça-feira pela organização.

O Relatório Anual da APAV, refere que em 2017 foram registados um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência. A APAV salienta que os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, destacando-se os crimes de violência doméstica (75,7%).

Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (175 crimes), o "stalking"/perseguição (422) e o cibercrime (25). «Nas restantes dimensões criminais, os destaques vão para os crimes patrimoniais - o crime de dano com 212 registos (1%) - e para as outras formas de violência - "bullying" com 113 casos (0,5%)», é indicado no relatório. Segundo a APAV, a maioria das vítimas eram do sexo feminino (82,5%) e tinham idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (38,9%).



APAV contabilizou mais de nove mil vítimas em 2017

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) atendeu no ano passado 40.928 pessoas, um aumento de 19% entre 2015 e 2017, tendo identificado 9.176 vítimas, segundo dados divulgados Terça-feira pela organização. A APAV salienta que os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados.

Pág. 4



More victims asking for help than in 2015

During the course of 2017, Portugal's Victim Support Association (APAV) dealt with 40,928 requests for help, which is a 19 percent increase on 2015, and identified over 9,000 people as certified victims, according to figures released by the organisation this week.

APAV's annual report for 2017, released on Tuesday, shows that the 40,928 contacts made (by telephone, online or in person) led to the opening of 12,086

support procedures, in the course of which 9,176 people were identified as victims. The cases involved a total of 21,161 crimes and other forms of violence.

The association stresses that crimes against people accounted for 95 percent of situations recorded, and domestic violence alone accounted for 75.7 percent of cases.

By type of crime, sexual violence also stood out, with 175 cases of child sex abuse, 422 of stalking and 25 of cybercrime.

According to APAV, 82.5 percent of victims were female and more than 30 percent of

victims were professionally active.

Of those committing the crimes, more than 80 percent were male.

In terms of the places where crimes were committed, homes shared by victims and their attackers were the most common settings, followed by the victim's place of residence and then in public.

A formal complaint was made to the police in under half of the cases (46 percent).



ID: 74353543

01-04-2018

Sociedade

Portugal, país desigual

Realidades sexistas

Da violência de género ao assédio sexual e à exploração económica, Portugal continua a ter um longo caminho a fazer para garantir a igualdade entre homens e mulheres.

LAURA GALHANO *

Em Portugal, a violência doméstica é um dos crimes com maior incidência na categoria «crimes contra pessoas». O *Relatório Anual de Segurança Interna 2016*^[1] aponta para 27 005 casos. As mulheres surgem como as principais vítimas (80%); os homens como os principais agressores (84%). Os mais expostos à violação são igualmente de sexo feminino, o mesmo acontecendo no que diz respeito ao abuso sexual de menores, com respectivamente 90,5% e 81,3% dos casos denunciados. As estatísticas da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima^[2] – destacam a particular incidência de mulheres casadas (36,8%) e das que formam família nuclear com filhos/as (41% dos casos). Mais de metade dos autores do crime (52%) são ou foram cônjuges e companheiros. Em mais de 40% dos casos, a residência comum é apontada como local do crime.

Estes dados são brutais. É relevante lembrar que o uso da violência não é uma característica masculina, nem ocorre somente em relacionamentos heterossexuais. Contudo, estes números permitem ver que o sexo masculino se destaca fortemente no exercício da violência. Podemos então questionar-nos sobre as percepções ligadas a estereótipos de género.

No seu livro *A Sexualidade dos Portugueses* (Almedina, Coimbra, 2013), Sofia Aboim descreve e analisa as mudanças e as conquistas feministas que ocorreram na sociedade portuguesa relativamente às percepções e lugares dos corpos. Desconstrói estereótipos herdados do Estado Novo, onde «ao mesmo tempo que as mulheres eram constantemente chamadas a provar a sua pureza, aos homens era exigida a sabedoria necessária para as controlar e impor sobre elas a sua autoridade».

A actualidade mostra-nos, porém, que certas representações continuam vivazes. A ilustração do sexismo institucional que continua presente em órgãos públicos foi visível na denúncia mediática recente do Acórdão do Tribunal da Relação do Porto (Processo n.º 355/15.2 GAFLG.P1). Vimos também que não se tratava de um caso isolado^[3].

A questão da violência sexual tem vindo, portanto, a suscitar discussões em Portugal. Segundo o Eurobarómetro da Comissão Europeia de 2016 sobre violência de género^[4], a consciência social da violência doméstica em Portugal é alta: 96% das pessoas inquiridas estimam que a violência doméstica con-



JOÃO PEDRO VALE e NUNO ALEXANDRE FERREIRA . *Pinkfist* (2016)
Na Galeria Presença, Porto, até 14 de Abril

tra mulheres é «inaceitável e deve ser sempre punível por lei» (92% quando é dirigida contra homens). Mesmo assim, 18% das mulheres que sofreu violência física e/ou sexual nos 12 meses anteriores (o estudo foi realizado em 2012) não contou a ninguém.

Além disso, uma percentagem das pessoas interrogadas acredita que ter relações sexuais sem consentimento pode justificar-se se a pessoa estiver «embriagada ou sob efeito de drogas» (19%); se a pessoa for «voluntariamente para casa com alguém, a seguir a uma festa ou um encontro, por exemplo» (15%); se a pessoa «vestir roupa reveladora, provocadora ou sexy» (12%); se a pessoa «não disser “não” claramente ou não resistir fisicamente» (10%).

Consideremos ainda um estudo produzido em 2017 pela UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta –, focada nos

jovens portugueses, intitulado *Violência no Namoro*^[5], que retrata aquilo que é considerado como violência nesse grupo particular. Destaquemos que 28% dos/das jovens residentes em Portugal não considera como violência o controlo («comportamentos como proibir sair sem o/a companheiro/a, estar ou falar com um/a amigo/a ou colega e obrigar ou proibir vestir uma determinada peça de roupa, ou obrigar a fazer algo que não se quer»). Mais surpreendente: 24% dos/das jovens legítima a violência sexual nas relações de namoro. Além disso, 13% (destes, temos 22% de homens e 5% de mulheres) dos/das respondentes vê como legítima a pressão para ter relações sexuais em situação de namoro.

No ambiente mediático actual, estes números dão que pensar. A cultura do silêncio,

de desvalorização da palavra e a culpabilização das vítimas foram publicamente postas em causa de maneira maciça pelos recentes movimentos #niunamas #metoo ou ainda #balancetonporc. Mais ainda, a edição de Dezembro 2018^[6] da *Time Magazine* elegeu as «The Silence Breakers» («As que quebram o silêncio») como pessoas do ano.

Em Portugal, por enquanto, estes movimentos não tiveram grande eco. Podemos então questionar-nos sobre os dados que temos à disposição relativamente ao assédio sexual no mundo do trabalho, por exemplo.

O assédio sexual está definido pela Convenção de Istambul^[7] (que Portugal assinou) como «um comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o intuito ou o efeito de violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo». Um estudo de 2016 da Universidade de Lisboa sobre *Assédio sexual e moral no local de trabalho em Portugal*^[8] explica que, em comparação europeia, os casos de assédio sexual no país são mais elevados: 12,6% contra 2%^[9]. As mulheres com vínculo laboral marcado pela precariedade e instabilidade são as mais vulneráveis. As situações de «atenção sexual não desejada e de insinuações sexuais» são as mais sinalizadas. O assédio é mais frequentemente referido por mulheres, exercido por homens – na maioria dos casos com cargos hierárquicos superiores.

Trabalhar é as mais das vezes necessário à sobrevivência económica de cada um. O assédio no local de trabalho, em Portugal, constitui, assim, uma contra-ordenação muito grave ao Código do Trabalho. Mas não é crime.

Para concluir, olhemos brevemente para os dados do trabalho não pago no espaço social doméstico. A Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego publicou em 2016 um relatório sobre *Os Usos do tempo de homens e de mulheres em Portugal*^[10]. Lê-se que, no total do trabalho pago e não pago, as mulheres trabalham mais 1 hora e 13 minutos por dia do que os homens. Isto porque, comparativamente, continuam a dedicar mais tempo às tarefas domésticas e de cuidado (em média, o seu trabalho não pago corresponde a mais 1 hora e 45 minutos por dia do que o dos homens); mais um obstáculo no caminho para a igualdade...



ID: 74353543

01-04-2018

Ainda assim, graças a anos de lutas feministas para a visibilidade e legitimação pública da violência de género, estamos a presenciar mudanças notórias. Face à violência de género, ao assédio sexual e à exploração económica, tanto na esfera doméstica como profissional ou na rua, o desafio actual será continuar conscientes da necessidade de um apoio e de uma acção conjunta, concertada e contínua. ■

* Socióloga.

- [1] Publicado em Março de 2017 pelo Gabinete do secretário-geral do Sistema de Segurança Interna; cf. www.parlamento.pt.
- [2] Estatísticas sobre os crimes sexuais cometidos contra maiores de 18 anos entre 2013 e 2016, https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_CrimesSexuais_2013-2016.pdf.
- [3] Ver «Sexismo na justiça. Quantos casos fazem o Sistema?», jornal I, 28 de Outubro de 2017.
- [4] Informação que se pode encontrar no sítio do Instituto Europeu para a Igualdade de Género, <http://eige.europa.eu/gender-equality-index/2015/domain/violence/PT>.
- [5] www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/Relatorio_de_Imprensa_Final.pdf.
- [6] <http://time.com/time-person-of-the-year-2017-silence-breakers>.
- [7] Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica
- [8] http://cite.gov.pt/pt/destaques/complementosDestqs/Assedio_Sexual_Moral.pdf.
- [9] Ver também Ana Oliveira, «Nos interstícios do assédio no trabalho», *Le Monde diplomatique – edição portuguesa*, Novembro de 2017.
- [10] http://cite.gov.pt/pt/destaques/complementosDestqs2/INUT_brochura.pdf, consultado em Fevereiro de 2018. Estes dados podem ainda ser rapidamente considerados num documento com indicadores-chaves relativos à igualdade de género produzido pela Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), www.cig.gov.pt/2017/07/igualdade-de-genero-em-portugal-indicadores-chave-2017.



DÁ QUE PENSAR

40.928

foi o número de vítimas que a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) atendeu no ano de 2017, que originaram 12 086 processos de apoio, no quais foi possível identificar 21 161 crimes e outras formas de violência. Comparado com os anos anteriores, notou-se um aumento de 19% no número total de atendimentos. De referir que a APAV apoiou vítimas em todo o território nacional.

Richard Zimler doa livros para crianças e mães nos refúgios da APAV

FBB Escritor recorda a sua mãe na sessão em que recebe Prémio Literatura para a Infância e anuncia “donativo significativo” a instituição que apoia a vítima



Richard Zimler considerou o prémio “um momento particularmente gratificante” da sua carreira

Ana Margalho

Richard Zimler anunciou ontem que, mal soube que era o vencedor do Prémio Fundação Bissaya Barreto Literatura para a Infância, com a obra “O cão que comia a chuva”, fez «um donativo significativo» à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e pediu para que o valor doado seja para «comprar livros para as crianças e as mães que encontram um lar seguro nos abrigos» da instituição.

«A imagem de uma mãe a ler, em voz alta, uma bonita história aos seus filhos dá-me um sentimento de realização», confessou o escritor, que falou, durante a cerimónia, no sofrimento da mãe, que queria deixar o pai «e recomeçar a sua vida» e, por não ter onde se refugiar, «permaneceu com ele, continuando um casamento falhado com um homem que minava constantemente sua confiança», o que a fez entrar «uma depressão profunda e perder a vontade de viver».

«Sei, devido à minha mãe, o valor incalculável dos dois abrigos que a APAV tem em

Lisboa e no Porto, afirmou Richard Zimler, garantindo que decidiu falar publicamente no seu donativo, por homenagem à mãe, mas especialmente por estar confiante que assim conseguiria dar «mais publicidade à APAV e aos seus abrigos».

É também sobre violência “O cão que comia a chuva” a obra, com ilustrações de Júlio Pomar, que conquistou o júri do prémio, composto por Leonor Riscado, Rui Veloso e Lúcia Santos, que enaltece «coração, a fluidez e a elegância» com que Richard Zimler fala sobre

“bullying”, «uma arma silenciosa e silenciada por muitas crianças e jovens de efeitos extremamente violentos e perturbadores», como sublinhou Patrícia Viegas Nascimento, presidente da Fundação Bissaya Barreto.

«Felicitó a forma cuidada, sensível, comovente, mas desdramatizada e esclarecedora e, por isso, pedagógica, como passa tão pertinente mensagem», continuou a responsável. No fundo, e do que deu a entender uma expressiva leitura de trechos da obra, por Helena

Faria, trata-se de falar sobre “bullying” e sobre os seus efeitos nas crianças e nas famílias, sob a perspectiva e o olhar de um animal de estimação.

Richard Zimler não escondeu a emoção com momento ontem vivido na Casa das Artes da FBB, confessando ser este «um momento particularmente gratificante» para si. Conhecido, reconhecido, apreciado e elogiado pelas suas várias obras para adultos, o escritor, nascido nos Estados Unidos, confessou que “O cão que comia a chuva”, a sua estreia em literatura para a infância, é também a sua primeira obra escrita «directamente em Português».

“Bullying” está em destaque na obra. Júri destaca “o coração, a fluidez e elegância” como o tema é abordado pelo autor

«Escrever numa língua que só comecei a aprender aos 34 anos é uma nova aventura e um grande desafio», confessou Richard Zimler, considerando o galardão ontem recebido a «confirmação de que se está no caminho certo». O pintor Júlio Pomar, autor das ilustrações do livro e igualmente vencedor do prémio não pôde estar presente na cerimónia por razões de saúde. ◀

Edição com maior número de obras submetidas

Patrícia Viegas Nascimento enalteceu ontem o facto de ser «crescente a aposta editorial na literatura para a infância» em Portugal, ainda para mais quando é «em paralelo crescente a qualidade do que se escreve, se ilustra e se publica a pensar nos mais jovens» no nosso país.

A prová-lo está o facto de esta sexta edição do Prémio

Fundação Bissaya Barreto Literatura para a Infância, que destaca “O cão que comia a chuva”, de Richard Zimler, ser a que teve «maior número de obras submetidas até ao momento».

Ao todo foram, de acordo com a presidente da FBB, 180 livros publicados por 60 editoras e quatro edições de autor. A.M.





ID: 74415249

08-04-2018

RELATÓRIO DE SEGURANÇA INTERNA

Casos de violência doméstica dispararam

GRAVIDADE ➤ Algarve registou a maior taxa de incidência de crimes por cada mil habitantes no continente, em 2017 **EVOLUÇÃO** ➤ Registado um aumento de 6,3% de ocorrências em relação a 2016

JOSÉ CARLOS EUSÉBIO

O Algarve é a região do continente com maior taxa de incidência de crimes de violência doméstica por cada mil habitantes, segundo dados do Relatório Anual de Segurança Interna 2017, que foi recentemente divulgado pelo Governo. O número de casos registou um aumento de 6,3% no ano passado, em comparação com 2016.

De acordo com o relatório, foram contabilizados, no ano passado, um total de 1459 ocorrências, enquanto em 2016 tinham sido contabilizadas 1372

1459 CASOS FORAM CONTABILIZADOS EM 2017 PELAS AUTORIDADES

(ou seja, houve mais 87 casos). Em termos percentuais, só o distrito da Guarda registou um aumento maior (10,2%) do que o de Faro (6,3%).

A taxa de incidência na região algarvia cifrou-se em 3,3 por cada mil habitantes, sendo este valor muito superior à média nacional, que foi de 2,59. As outras zonas do continente portu-



Ao longo do último ano foram registadas 1459 ocorrências relacionadas com situações de violência doméstica

PORMENORES

Madeira e Açores

Só a Madeira e os Açores têm um taxa de incidência de crimes de violência doméstica superior à registada no Algarve.

Mulheres

No conjunto do País, as mulheres representaram 79% do total de vítimas de violência contabilizadas no ano passado.

Detenções

Foram detidos pelas forças de segurança 703 suspeitos, no decurso do ano passado, segundo consta do relatório.

guês com uma taxa acima da média foram Lisboa (2,8), Portalegre (2,76), Setúbal (2,73) e Porto (2,61).

Entretanto, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deu apoio, no ano passado, a 920 pessoas na região algarvia, muitas das quais vítimas de violência doméstica. ●



Guarda foi o concelho com mais vítimas apoiadas pela APAV

Das 9176 vítimas apoiadas pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima no ano passado, 45 tinham a Guarda como distrito de residência. A Guarda foi o concelho com mais vítimas apoiadas, num total de 12, seguido de Gouveia (8), Fornos de Algodres, Sabugal, Seia e Vila Nova de Foz Côa (4), Almeida e Mêda (3), Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Trancoso (1), revela o Relatório Anual da APAV, divulgado há pouco mais de uma semana. Aguiar da Beira, Celorico da Beira e Manteigas não têm qualquer registo.

No todo nacional, a APAV registou no ano de 2017 um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

Comparativamente a anos anteriores, foi possível identificar «um aumento do número total de atendimentos na ordem dos 19 por cento entre 2015 e 2017», refere a APAV, destacando que apoiou vítimas oriundas de um total de «270 concelhos nacionais (dos 308 concelhos existentes)».

Sobre os diferentes contextos de vitimização, designadamente os diferentes tipos de vítimas, a análise do relatório permite aferir «as 944 pessoas idosas (+65 anos) vítimas de crime (em média 3 por dia e 18 por semana); as 810 crianças e jovens (em média 2 por dia e 16 por semana); as 5.036 mulheres adultas (em média 14 por dia e 97 por



Violência doméstica: Dados relativos ao número de ocorrências

Distritos	Ano 2016	Ano 2017	Var. %	Diff.	% Evoluções por 1000	Distritos	Ano 2016	Ano 2017	Var. %	Diff.	% Evoluções por 1000
Aveiro	1.708	1.696	-0,6%	-10	2,4	Lisboa	6.244	6.303	0,9%	54	2,8
Beja	267	278	4,5%	12	1,9	Portalegre	145	300	110%	45	2,8
Braga	1.296	1.838	2,3%	42	2,2	Porto	4.780	4.629	-3,2%	-151	2,6
Bragança	341	303	-11,1%	-38	2,4	Santarém	908	808	-11,0%	-100	1,9
Castelo Branco	666	452	-1,9%	-9	2,5	Setúbal	2.265	2.327	2,7%	62	2,7
Coimbra	1.056	936	-21,4%	-120	2,3	Viana do Castelo	518	498	-3,5%	-18	2,8
Évora	590	381	-2,5%	-9	2,3	Vila Real	515	453	-21,4%	-58	2,3
Faro	1.372	1.458	6,3%	87	3,3	Viseu	799	778	-2,6%	-21	2,2
Guarda	332	366	20,2%	34	2,5	R. A. Madeira	1.035	983	-5,0%	-52	1,9
Leiria	859	898	4,5%	39	2,0	R. A. Açores	1.016	1.052	3,5%	36	4,3

Fonte: CISION, do ICS2017 e do Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)

semana) e os 775 homens adultos (em média 2 por dia e 15 por semana)».

«Destacam-se ainda, por tipo de crime, os crimes de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (175 crimes), o stalking/perseguição (422 crimes) e o cibercrime (25 crimes)», revela o documento.

Ocorrências de casos de violência doméstica diminuem

O número de ocorrências de

casos de violência doméstica diminuíram em 2017 comparativamente ao ano anterior, passando de 27.011 para 26.746. No distrito da Guarda registou-se um aumento de 34 ocorrências face a 2016, de acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna – Ano 2017, divulgado no passado Sábado.

As ocorrências aumentaram ainda nos distritos de Beja, Braga, Faro, Leiria, Lisboa, Setúbal e Açores.

«Observa-se que Lisboa (6.303), Porto (4.629), Setúbal (2.327), Braga (1.838) e Aveiro (1.698) continuam a ser os distritos onde se registam mais ocorrências, representando no conjunto 63 por cento do total», lê-se no documento.

Os dados deste capítulo, esclarece o Relatório Anual, «respeitam a ocorrências registadas pela GNR e pela PSP e referem os casos de violência doméstica, independentemente de terem sido registados como outro tipo de crime mais grave, designadamente homicídio, violação, etc.».

No capítulo da caracterização, «que tem por base o número total de vítimas e denunciadas registadas nas ocorrências participadas, pelo que os respectivos valores são superiores ao número total de ocorrências», verifica-se que «79,9 por cento das vítimas são mulheres e 84,3 por cento dos denunciados são homens», e «78,4 por cento das vítimas tem 25 ou mais anos, 12,1 por cento menos de 16 anos e 9,5 por cento entre 16 e 24 anos».

«Quanto ao grau de parentesco/ relação entre vítimas e denunciadas/as verifica-se que em 53,3 por cento dos casos a vítima era cônjuge ou companheira/o, em 17, 2 por cento das situações era ex-cônjuge/ex-companheira/o, em 15, 1 por cento era filho/a ou entenado/a, em 5,2 por cento era pai/mãe/padrasto/madrasta e em 9,3 por cento dos casos correspondia a outras situações», revela o Relatório Anual.

terrasdabeira.gmpress.pt

terrasdabeira

QUINTA-FEIRA
5 ABRIL 2018

ANO XXIV - Nº1291 - 0,70 euros - SEMANÁRIO - Director: Virgílio Mendes Ardéus, Director adjunto: Manuel Luís F. dos Santos

AGUIAR DA BEIRA, ALMEIDA, FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, MANTEIGAS, SABUGAL E TRANCOSO

Seis municípios do distrito dão desconto no IRS

Há seis municípios do distrito da Guarda que vão dar descontos no IRS. Aguiar da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Manteigas e Sabugal vão mesmo devolver 5%, que é o máximo permitido por lei. No país só há mais 15 nesta situação. No distrito, Trancoso devolve 2,5%, Almeida 2% e os restantes oito municípios não dão qualquer benesse. **Pág. 6**

QUARENTA E CINCO NO DISTRITO

Guarda foi o concelho com mais vítimas apoiadas pela APAV

Pág. 3

SAÚDE

Sobram vagas nos concursos para admissão de médicos

Pág. 5

AMBIENTE

GNR fiscaliza limpeza de terrenos com levantamento de autos

Pág. 8

CASTELO MENDO

Feira Medieval este fim-de-semana

Última

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA

Ana Bacalhau, Rui veloso e Viviane nos destaques da programação

Pág. 14

DESPORTO

Equipa de Fornos de Algodres é a única sem vitórias no Campeonato Nacional

Pág. 16

GP Beiras e Serra da Estrela termina na Guarda

Pág. 17

Criminalidade geral aumenta na Guarda



A criminalidade participada às forças e serviços de segurança subiu 3,3% em 2017 face ao ano anterior, sendo os distritos da Guarda (6,7%), Santarém (6,6%) e Lisboa (6,2%) e a Região Autónoma da Madeira (6,7%) os que registaram os maiores aumentos. Também a criminalidade violenta e grave aumentou no distrito da Guarda (35,6%), assim como a violência doméstica, que regista mais 34 casos. Os dados constam do Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) de 2017, entregue na semana passada na Assembleia da República. **Págs. 2 e 3**

HOSPITAIS DA GUARDA E COVILHÃ

Aumentaram ligeiramente os nascimentos

Nos dois primeiros meses do ano registou-se um ligeiro aumento de nascimentos nos hospitais da região relativamente ao mesmo período do ano passado. De acordo com os dados disponíveis no site do Serviço Nacional de Saúde, na Unidade Local de Saúde da Guarda foram realizados nos meses de Janeiro e Fevereiro uma centena de partos (85 em 2017) e no Centro Hospitalar da Cova da Beira há registo de 90 partos (85 em 2017). **Pág. 5**

Misericórdias do distrito pouco interessadas no negócio do Montepio

A entrada no capital da Caixa Económica Montepio Geral deverá ser um dos temas em destaque na próxima Assembleia-Geral da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), agendada para o próximo dia 14 em Fátima, onde deverão marcar presença as 21 associadas do distrito. A reunião pode ser decisiva para uma tomada de posição, mas entre as oito contactadas pelo TB, algumas das quais confirmaram terem sido sondadas pela associação, que também tem prestado esclarecimentos sobre o processo, a maioria já decidiu que não irá entrar no negócio. **Pág. 13**

ergovisão
FOR YOUR EYES

75€
OCULOS UNIFOCAIS

ARMAÇÃO + LENTES
Unifocais para longe ou perto com lentes 1.6 anti-reflexo anti-risco

Museu da Ótica GUARDA

ARMAÇÃO + LENTES
Progressivas 1.6 com anti-reflexo anti-risco

OCULOS PROGRESSIVOS

245€

Optica I
Rua Marquês de Pombal, n.º 45, R1ch
6300 - 728 GUARDA
(Largo dos Correios)
www.ergovisao.pt

Optica II
Galeria Intermarché Guarda
924 290 689
271 225 114

guarda@ergovisao.pt
Nº verde 808 214 850 (Grátis)



BILHETE POSTAL

Os crimes no facebook



EDUARDO
OLIVEIRA
COSTA*

Os crimes nas redes sociais estão a aumentar. Segundo o relatório da APAV (Apoio à Vitima) regista-se um crescente número de casos de difamação, devassa da vida privada e violação de correspondência através das redes sociais.

Antes deste fenómeno difamava-se no café. Ou na 'tasca' após uns copos bem bebidos. Agora, as redes sociais são o palco preferido para atacar a honra, caluniar, inventar rumores e mentiras com o intuito de prejudicar pessoas. Ninguém pode dizer que está imune a ser vítima deste tipo de crime.

Um estudo conhecido no início do corrente ano conclui que a Justiça tem considerado que "as redes sociais não são um espaço sem lei ou castigo": "Não se pode colocar nas redes sociais o que se quer sem haver responsabilidade porque não há diferença entre falar publicamente num espaço

com meia centena de pessoas ou escrever um post no Facebook para todos os amigos". Vão mais longe alguns Acórdãos quando concluem que a comunicação na rede social "sai da esfera privada e entra na pública, quando apela à partilha da sua publicação com conteúdo ofensivo e difamatório no Facebook".

Há, assim, alguma esperança para as crescentes vítimas de ataques à honra, de difamação e calúnia nas redes sociais. O recurso aos Tribunais para condenar estes criminosos é a arma mais eficaz. Sobretudo porque a Justiça estará mais sensível à necessidade de travar este novo fenómeno criminoso. Mão dura para estes criminosos, sobretudo quando se escondem atrás de perfis falsos.

*JORNALISTA, PRESIDENTE DA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DA IMPRENSA REGIONAL



SAÚDE



Manuela Resendes
Farmacêutica

VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

Segundo a Organização Mundial de Saúde um em cada seis idosos com mais de 65 anos sofre algum tipo de abuso, sendo que a tendência é de agravamento deste problema.

Existem vários tipos de violência: (1) violência física, que consiste em qualquer comportamento que implique agressão corporal, sobrecarga de tarefas, ou mesmo sequestro, (2) violência psicológica, em que se provoca de forma intencional dor e angústia na pessoa idosa, através da humilhação, intimidação ou isolamento social, (3) negligência, que corresponde ao ato de omissão de auxílio e/ou abandono por parte daqueles responsáveis pelos idosos, (4) violência financeira, em que ocorre uma apropriação ilícita do património da pessoa idosa por parte de familiares ou terceiros, e (5) violência doméstica, que constitui um crime público e que todos temos obrigação de denunciar.

Um estudo recente, elaborado pelo Instituto de Saúde Pública do Porto e pela Mid-Sweden University, concluiu que Portugal é um dos países com maior índice de violência psicológica, física, sexual e financeira. O trabalho avaliou o impacto da violência na qualidade de vida de 5000 idosos de sete países, nomeadamente Alemanha, Grécia, Itália, Espanha, Suécia e Portugal.

Em Portugal, quase 50% dos idosos refere terem tido pelo menos uma experiência de violência durante a vida. A agressão psicológica é a mais frequente (34,5%), seguida da financeira (18,5%) e física (11,5%).

Sabe-se, ainda, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que entre 2013 e 2016 os crimes contra idosos aumentaram 30%, sendo as mulheres as principais vítimas. Os agressores são na sua maioria os filhos (39,6%) e o cônjuge, registando-se também casos em que são os netos ou vizinhos.

Segundo os investigadores, a ausência de meios económicos e as novas estruturas familiares ajudam a explicar os números, sendo que a informação é o principal factor para reverter esta situação.

A proteção das pessoas idosas da violência, bem como dos seus direitos de autonomia e capacidade de decisão, tem de ser alvo de uma atuação rápida e eficaz das entidades competentes, para além de uma consciencialização da sociedade para este drama, pois todos somos um pouco responsáveis pela sua resolução.

Um país que não trata bem os seus idosos renega o seu passado e não prepara convenientemente o seu futuro. Compete-nos a todos defender esta população tão vulnerável, que já deu tudo de si à sociedade.



No ano de 2017

APAV recebeu dois pedidos de ajuda de vítimas de Lafões

O número de pessoas da região a pedir apoio à APAV baixou em 2017, contrariamente ao registado a nível nacional.

► **Andreia Mota**

Duas pessoas pediram ajuda à Associação de Apoio à Vítima, durante 2017, na Região de Lafões. Os números fazem parte do Relatório Anual de Estatísticas da instituição e dizem respeito aos concelhos de Vouzela e São Pedro do Sul (registaram um pedido de ajuda, cada).

Em comparação com 2016, os dados apurados

mostram uma descida de 50 por cento, uma vez que houve quatro famílias apoiadas ao longo desse ano.

Aquela que se assume como a maior organização nacional sem fins lucrativos de apoio às vítimas de todos os crimes, e ainda familiares e amigos, registou um total de 40.928 atendimentos, em todo o país, no ano passado, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

Os pedidos de ajuda, segundo a associação, ti-

veram origem em 270 dos 308 concelhos nacionais e aumentaram cerca de 19 por cento face a 2015.

Denúncias por violência doméstica ultrapassam os 75 por cento

No ano passado, 944 pessoas com mais de 65 anos vítimas de crime pediram ajuda à APAV, em média três por dia e 18 por semana; 810 crianças e jovens precisaram do apoio da instituição, em média duas por dia e 16 por semana. Houve ainda 5.036 mulheres adultas entre as vítimas, em média 14 por dia e 97 por sema-

na; e 775 homens adultos também pediram ajuda, em média dois por dia e 15 por semana.

No que diz respeito aos motivos do pedido de ajuda, os crimes contra as pessoas totalizam quase 95 por cento, com grande destaque para os crimes de violência doméstica (75,7%). Crimes contra o património e bullying também estão entre as causas.

O perfil geral das vítimas mantém-se. A maioria era do sexo feminino (82,5%) e tinha idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos. Cerca de 28% das vítimas eram ca-

sadas e 23% solteiras, pertencendo a famílias com filhos em 33,4% dos casos. “Em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,4%) e mais de 30% das vítimas encontravam-se profissionalmente activas”, diz a APAV.

A associação registou um total de 9.481 autores de crime, sendo que mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%).

Segundo a APAV, os dados estatísticos presentes

no relatório anual reportam-se aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e online em 2017 pelos serviços de proximidade da APAV, onde se inclui o Sistema Integrado de Apoio à Distância (Linha de Apoio à Vítima), a rede nacional de 18 Gabinetes de Apoio à Vítima presentes em 26 concelhos, a rede nacional de Casas Abrigo e as redes especializadas: rede de apoio a vítimas migrantes; rede de apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio; e rede de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual.



ID: 74467077

04-04-2018

19 vimaranenses vítimas de crimes procuraram ajuda na APAV

GABINETE disponibiliza apoio presencial e telefónico



Elisabete Pinto

> Durante o ano de 2017, 19 pessoas residentes em Guimarães procuraram apoio junto do gabinete de Braga da Associação de Apoio à Vítima. Ao todo, aquele serviço registou 335 processos de apoio à vítima e 280 vítimas directas de crimes e outras formas de violência.

A responsável pelo funcionamento do espaço não esconde que a proximidade territorial está associada ao facto de ser maior o número de residentes em Braga a recorrerem ao serviço, embora o seu raio de actuação não conheça fronteiras. "A APAV

presta apoio às vítimas de crime, aos seus familiares e amigos", disse Marta Mendes, frisando: "ajuda às vítimas de todos os crimes quer seja ao nível jurídico, social, psicológico e, muitas vezes, emocional e prático, por exemplo, no acompanhamento das vítimas às diligências processuais ou até na leitura de notificações judiciais que não compreendem".

A funcionar no edifício da Junta de Freguesia de S. Victor, no centro de Braga, o gabinete tem agora instalações remodeladas cuja inauguração está marcada para o próximo dia 12, estando aberto todos os dias úteis. "O atendimento é também

feito por telefone, através do tel. 253610091, ou da Linha de de Apoio à Vítima, através do tel. 116006 (chamada gratuita), ou por e-mail, Messenger ou Skipe", acrescenta a gestora do gabinete de Braga da APAV, ao realçar que, relativamente aos crimes e outras formas de violência registados, o destaque vai para os crimes contra as pessoas, com uma dimensão de cerca de 94 por cento face ao total. "Os maus tratos físicos e de maus tratos psíquicos" lideram os pedidos de apoio.

"Apoiamos pessoas de todas as faixas etárias, homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos... A

faixa etária e o género não são variáveis limitativas", elucida Marta Mendes, reconhecendo que são múltiplas as vias que motivam a intervenção do gabinete da APAV. E, por vezes, a instituição é chamada a actuar em situações de crise dada a condição de fragilidade apresentada pelas pessoas. "Um aconselhamento poderá motivar um encaminhamento em que a pessoa reconheça o seu estatuto de vítima e como tal apresentar uma queixa", anotou, realçando que "há respostas de emergência para quem necessitar de segurança e protecção".

Números retratam realidade distrital

> Segundo o Relatório do Gabinete de Braga da APAV, relativo ao ano de 2017, dos diversos tipos de apoio prestados pelos serviços, o apoio genérico foi o mais assinalado com mais de 44% dos registos,

sendo destacada a "conexão entre a APAV e outras entidades", nomeadamente "os órgãos de policia criminal que foram as entidades que mais cooperaram com a APAV (43,2%), seguindo-se a Segurança

Social (17,4%)".

O documento disponível em http://apav.pt/intranet16/images/PDF/Estatisticas_GAV_Braga_2017, indica que os meios de contacto mais comuns com a APAV são

a via presencial (42,4%) e telefónica (42,6%). Nos últimos anos a utilização das novas tecnologias tem vindo a aumentar, como se pode verificar com os contactos efectuados via e-mail (13,4%).

Quem contactou a APAV



> Os contactos efectuados para o GAV de Braga foram, maioritariamente, pelos/as próprios/as utentes (62,5%), seguindo-se os contactos de familiares (20,7%).

No que diz respeito à forma como os/as utentes chegam ao Gabinete, os encaminhamentos obtidos através de familiares (19,8%) e de amigos (16,9%) foram os mais significativos.

Do total de processos assinalados pelo Gabinete de Apoio à Vítima de Braga, em 84% das situações sinalizadas verificava-se a existência de crime.

Das 235 utentes, 200 foram vítimas de crime, e de entre estas cerca de 76% eram do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos (17,5%).

As vítimas casadas (36,8%) foram os principais alvos dos/as autores de crime, pertencendo em cerca de 41% a uma família nuclear com filhos.

Dos níveis de escolaridade referenciados, destacam-se o ensino superior (6,8%), o ensino básico do 3º ciclo (6,4%) e o ensino básico do 1º ciclo (6,1%). No que diz respeito ao principal meio de vida da vítima, cerca de 26% encontravam-se a trabalhar. No entanto, um número ainda significativo encontrava-se a cargo da família (23%).

O contexto das relações de intimidade continua a sobressair o que diz respeito à relação da vítima com o/a autor/a do crime. As relações de cônjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-companheiro/a, ex-namorado/a e namorado/a no seu conjunto totalizam 57,2% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime.

No entanto, a relação que mais sobressaiu em 2017 no Gabinete de Apoio à Vítima de Albufeira foi a relação em que a vítima é filho/filha (14,6%).

Cerca de 80% dos/as 284 autores/as de crime registados/as pelo gabinete de apoio à vítima de Braga em 2017, eram do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos (16,2%).

Tal como no caso das vítimas, também o/a autor/a do crime se encontrava maioritariamente no estado civil de casado/a (43,3%), seguindo-se os/as solteiros/as (11,6%). Em cerca de 34% das situações, estes/as encontravam-se empregados/as.

O tipo de vitimação continuada (52%), com uma duração superior a 20 anos (10,9%) prevaleceu no ano de 2017 no gabinete de apoio à vítima de Braga.

Em mais de 65% das situações, o local do crime mais referenciado em 2017 foi a residência comum (da vítima e do/a autor/a), seguindo-se o lugar/via pública (7,1%). Das situações que chegaram ao gabinete de apoio à vítima de Braga em 2017, 52% foram alvo de queixa numa entidade policial.



APOIO | Número total de atendimentos aumentou, entre 2015 e 2017, na ordem dos 19%

APAV divulga dados estatísticos do Relatório Anual 2017 e verifica aumento no número de atendimentos

II A APAV, considerada a maior organização nacional sem fins lucrativos de apoio às vítimas, vai disponibilizar, a fim de contribuir para a análise e conhecimento da criminalidade e vitimação, o seu Relatório Anual 2017.



Os dados estatísticos disponibilizados reportam aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e online, no ano de 2017, através dos serviços de proximidade da APAV: Sistema Integrado de Apoio à Distância (Linha de Apoio à Vítima 116 006 + apoio online); Rede nacional de 18 Gabinetes de Apoio à

Vítima, presentes em 26 concelhos nacionais; Rede nacional de Casas Abrigo e pelas redes especializadas: rede de apoio a vítimas migrantes; rede de apoio a familiares e amigos de vítimas de homicídio e rede de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual.

No ano passado, a Associação de

Apoio à Vítima registou um total de 40 928 atendimentos, onde foi possível identificar 9276 vítimas e 21 161 crimes e outras formas de violência. Comparativamente a anos anteriores, verificou-se um aumento do número total de atendimentos na ordem dos 19%, entre 2015 e 2017. Ficou, também, registado um total de 270 concelhos nacionais, aos quais a APAV disponibilizou assistência.

É possível, a partir da análise do relatório, distinguir diferentes tipos de vítimas: 944 idosos (+65 anos) vítimas de crime (em média 3 por dia e 18 por semana); 810 crianças e jovens (em média 2 por dia e 16 por semana); 5.036 mulheres adultas (em média 14 por dia e 97 por semana) e 775 homens adultos (em média 2 por dia e 15 por semana). As mulheres são as mais afectadas.

O tipo de crime mais predominante são os crimes de violência sexual, mais precisamente, o abuso sexual de crianças, com um total de 175 crimes, o stalking/perseguição, com 422 crimes, e o cibercrime, com 25 crimes.

O Relatório refere, ainda, que foram ministradas 865 formações de sensibilização e prevenção à violência, com um total de 23 280 formandos/participantes.

Por fim, salientam-se os dados relativos ao trabalho desempenhado pela APAV na prevenção secundária e terciária, isto é, no apoio direto às vítimas de crime e nos cuidados de reabilitação e reintegração das vítimas. No entanto, a APAV tem vindo a investir na prevenção primária, de forma a prevenir e evitar a vitimação.



Ponte de Sôr tem 23 participações

138 pessoas apoiadas pela Apav no Alentejo

formas de violência - os crimes contra as pessoas apresentam-se com uma dimensão na ordem dos 95% face ao total, com grande destaque para os crimes de violência doméstica (75,7%). Já nas restantes dimensões criminais, sobressaem os crimes patrimoniais e as outras formas de violência, como é o caso de bullying.

Por distritos, é Portalegre que encabeça a lista dos apoios alentejanos, com 67 processos, enquanto Évora chegou às 30 participações e Beja às 24 e o Alentejo Litoral às 17.

Já na leitura por concelhos, além dos 23 registos participados em Ponte de Sor, é Évora que exhibe o segundo lugar desta lista, com 15 vítimas apoiadas pela Apav, enquanto Odemira se fixou nas oito e Portalegre chegou às sete.

Gavião, Nisa, Sousel e Sines têm um registo de seis casos para cada concelho, enquanto Santiago do Cacém exhibe cinco processos. Alter do Chão chega aos quatro casos, tal como Alcácer do Sal e Aljustrel.

Com três participações estão os concelhos de Ourique, Estremoz, Campo Maior e Crato, enquanto Alandroal, Borba, Mourão, Redondo, Grândola, Elvas, Avis somaram dois processos cada. Os restantes concelho alentejanos têm apenas um registo nos cadernos da Apav.

De acordo com o presidente da Apav, João Lázaro, 82,5% das vítimas são mulheres, com uma média de 42 anos de idade, enquanto o estado civil destas vítimas dividia-se sobretudo entre as vítimas casadas (28,2%) e as solteiras (23,1%)

e pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos (33,4%).

O relatório indica que, em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,4%) e mais de 30% das vítimas encontravam-se profissionalmente ativas.

Ainda segundo a análise efetuada aos dados da Apav é possível confirmar a existência de um número superior de autores de crime, face ao número de vítimas, dos quais "mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (23,3%)." Cerca de 30% eram casados e possuíam uma ocupação profissional (32,1%). O tipo de vitimação continuada foi o mais registado em 2017,

representando 75% dos casos. Os locais do crime mais referenciados foram a residência comum, a residência da vítima e a via pública. Em cerca de 46% das situações foi formalizada queixa ou denúncia junto das entidades policiais.

Aumento da resposta de proximidade

Já quanto aos processos relacionados com a resposta de proximidade, os distritos alentejanos seguiram a tendência da subida nacional, mas a região manteve a última posição entre os distritos portugueses. Os dados estatísticos dizem respeito aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e 'online', no ano transato, pelos serviços de proximidade da Apav.

nível de crimes e outras formas de violência com cerca de 1,4% do total nacional. Ainda assim, Ponte de Sor exhibe um dos registos mais significativos a sul, com 23 vítimas apoiadas.

Segundo os dados revelados no relatório anual que a associação apresentou - e no que diz respeito aos crimes e outras

Roberto Soares

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (Apav) prestou ajuda a 138 pessoas no Alentejo, no último ano, traduzindo menos 44 participações face a 2016, representando a região a percentagem mais baixa do país ao



APAV ajudou 25 vítimas na cidade berço em 2017

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) atendeu no ano passado 40.928 pessoas, um aumento de 19% entre 2015 e 2017, tendo identificado 9.176 vítimas, segundo dados divulgados na terça-feira pela organização. Segundo dados do Relatório Anual da APAV, em 2017 foram registados um total de 40.928 atendimentos, firmados em 12.086 processos de apoio, onde foi possível identificar 9.176 vítimas e 21.161 crimes e outras formas de violência.

Em Guimarães, foram 25 as pessoas ajudadas, segundo o mesmo relatório. O concelho vimaranense é o terceiro com mais casos no distrito, atrás de Braga (166) e Barcelos (28). Famalicão e Vila Verde (21) e Fafe (11), surgem logo atrás. Vizela é um dos dois concelhos do país onde a APAV não atendeu nenhuma vítima em 2017.

A APAV salienta que os crimes contra as pessoas apresentam uma dimensão na ordem dos 95% face ao total de crimes registados, destacando-se os crimes de violência doméstica (75,7%). Por tipo de crime, destacam-se os de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças. • LF



ID: 74483284

12-04-2018

HOJE

Decorre, no edifício da Junta de Freguesia de S. Victor, a cerimónia de inauguração das renovadas instalações do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) da APAV de Braga.

GABINETE DE APOIO À VÍTIMA RENOVA INSTALAÇÕES EM BRAGA

APAV realizou em 2018 mil e setecentos atendimentos



APAV e Junta de Freguesia de São Vítor assinaram termo de colaboração

© ALEXANDRE GONZAGA

Os técnicos e voluntários do gabinete de Braga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) já realizaram desde o início deste ano 1700 atendimentos. A funcionar na Rua de São Vítor há 25 anos, a instituição apresentou ontem ao público instalações renovadas e dados sobre as suas atividades na região.

O presidente da APAV explicou na cerimónia comemorativa que, ao longo de um quarto de século, o gabinete atendeu cerca de 6 mil vítimas diretas e indiretas, e que, antes do primeiro atendimento, 50 a 60 por cento ainda não tinha entrado em contacto com sistema formal de justiça.

No entanto, João Lázaro recordou que a ação da APAV inicia com o trabalho preventivo nas escolas, na medida em que as iniciativas da associação já atingiram entre 23 a 30 mil estudantes minhotos. «A APAV não possui ins-

tações próprias e apoia-se no trabalho de uma rede nacional de 250 voluntários que realizam uma abordagem interdisciplinar», referiu o responsável, acrescentando que «se se fizesse uma conta por baixo do custo desse trabalho voluntário, a instituição teria que pagar cerca de um milhão de euros por ano».

A APAV conta apenas com um técnico remunerado nas suas sedes regionais. Por isso, «o slogan "25 anos ao serviço da comunidade" não é mero marketing», mas demonstra o empenho de todos «para que as vítimas tenham um tratamento condigno e o seu percurso seja o menos traumatizante possível», disse João Lázaro no seu discurso dirigido aos parceiros, autoridades civis, policiais e militares.

«Ninguém escolhe ser vítima», enfatizou o presidente da APAV, que já atendeu pessoas que foram alvo de 80 crimes diferentes. «Apoiamos crianças e jovens vítimas

de violência sexual, vítimas de abuso de autoridade, entre outras», referiu, elogiando o «amor à camisola» de técnicos, voluntários e parceiros.

«Ninguém enriquece na área social ou de segurança», brincou.

Números preocupantes

Presente na cerimónia, o vice-presidente da Câmara Municipal de Braga mostrou-se preocupado com o aumento exponencial de vítimas de crimes, número confirmado posteriormente pelo discurso do presidente da APAV. «Ficámos a conhecer pela imprensa situações deveras preocupantes. Hoje um caso, ontem outra situação...», lamentou Firmino Marques, que, também é responsável pela área social do município.

Desfiando um conjunto de memórias, recordou o apoio dado enquanto presidente da Junta de São Vítor à APAV ao longo de 12 anos, uma herança assumida pelo atual executivo.

A propósito, refira-se que foi assinado um termo de colaboração entre a APAV e a Junta de São Vítor, na pessoa do seu presidente, Ricardo Silva.

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) atendeu no primeiro ano de existência 55 pessoas. Desde então, chega a atender 460 pessoas por ano.

De 2000 a 2017, o GAV de Braga assistiu 5625 vítimas, sendo que 335 delas são relativas ao ano passado.



Gabinete de Apoio à Vítima renova espaço e parcerias

NOS SEUS 25 ANOS o Gabinete de Apoio à Vítima de Braga renova as instalações físicas na Junta de Freguesia de S. Victor onde já realizou 1700 atendimentos nos primeiros três meses e meio deste ano.

APAV

| Teresa Marques Costa |

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Braga, instalado na sede da Junta de Freguesia de S. Victor, já realizou, só este ano, 1700 atendimentos. O número foi revelado, ontem, pelo presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, na cerimónia que assinalou a renovação das instalações do GAV.

João Lázaro elogiou quem trabalha no gabinete - profissionais e voluntários - e também a rede de parceiros que inclui instituições como os tribunais, a Polícia Judiciária, a PSP, a GNR, entre outras, onde se inclui a Junta de Freguesia de S. Victor que há 25 anos acolheu o GAV.

Agora com instalações renovadas, o GAV está empenhado em “continuar a servir quem é vítima de crime” mas o presidente da APAV admite: “queremos e gostaríamos de servir muito mais a comunidade bracarense”.

O apelo foi deixado à Câmara Municipal de Braga, na pessoa do seu vice-presidente, Firmino Marques, que também participou ontem na cerimónia. “Contamos com a Câmara Municipal para ir mais além” desafiou João Lázaro.

No que toca às instalações, o dirigente da APAV reconheceu



FLÁVIO FREITAS

APAV e Junta de Freguesia de S. Victor renovaram, ontem, a parceria que disponibiliza um espaço e outros apoios ao GAV

que se fez “um trabalho fantástico dentro das limitações de espaço que existiam”.

A renovação das instalações GAV de Braga enquadra-se nos 25 anos de funcionamento do Gabinete em Braga, tendo sido o terceiro a abrir em Portugal pela mão da APAV, a seguir a Lisboa e Porto.

A cerimónia ficou marcada pela renovação do protocolo com a Junta de Freguesia de S. Victor

que continua de portas abertas para o GAV e, neste contexto, para o apoio às vítimas, não só da freguesia, mas de toda a região, como frisou o presidente da Junta de Freguesia, Ricardo Silva.

A renovação das instalações sinaliza a parceria entre o GAV e a Junta de Freguesia de S. Victor e, sobretudo, “o respeito pelo trabalho desenvolvido pela APAV” afirmou Ricardo Silva.

Para o autarca, o facto do GAV de Braga ser um dos poucos do país a funcionar numa Junta de Freguesia “responsabiliza a fazer mais e melhor sobretudo por aqueles que estão em situação de vulnerabilidade”.

Ricardo Silva garante que é uma parceria para manter e justifica que o facto do GAV funcionar na sede da Junta permite a segurança de técnicos e vítimas.

APAV Um milhão de euros em trabalho voluntário

O presidente da APAV, João Lázaro, agradeceu ontem a todos os que, ao longo dos últimos 25 anos, fizeram do Gabinete de Apoio à Vítima de Braga “um serviço local à comunidade”.

João Lázaro reconheceu que “é preciso haver muito amor “a camisola e esforço” e elogia o trabalho dos muitos voluntários que, juntamente, com as equipas técnicas locais, prestam apoio às vítimas.

O dirigente da APAV revelou que se fossem contabilizadas as horas que os voluntários dão num ano isso ascenderia a um milhão de euros em prestação de serviço às vítimas.

GAV Condições renovadas para combater flagelo

O vice-presidente da Câmara de Braga considerou ontem “altamente preocupantes os números da violência doméstica”, que aponta como um flagelo social, e reconheceu o trabalho da APAV como “porto de abrigo para as vítimas”. “Com instituições como a APAV temos condições para acompanhar este flagelo” afirmou Firmino Marques.

Sobre a renovação do espaço do GAV na sede da Junta de Freguesia de S. Victor, Firmino Marques fala de “instalações exemplares com grande dignidade para atendimento e para acautelar a segurança das vítimas”.

SOBE
ÁLVARO
DIAZ BILD
PR. CEPSA PORTUGUESA



Os Prémios Valor Social vão distinguir a APAV, o Centro Social do Soutelo, a Acreditar e a Associação Tempos Brilhantes.

DESCE
LUÍS
MEIRA
PRESIDENTE DO INEM



Os técnicos não aceitam que as multas em serviço passem a ser passadas aos profissionais em vez de irem diretamente ao INEM.



Bruno Oliveira (à esq.) no dia em que foi levado pela polícia a tribunal. Agressor tinha 19 anos e esfaqueou a ex-namorada, de 17, por ciúme

Juízes dizem que ciúme não é um motivo fútil

ACÓRDÃO ♦ Magistrados dizem que justificação para o crime não pode ser considerada irrelevante
DECISÃO ♦ Tribunal aplica pena suspensa a jovem que tentou matar a ex-namorada à facada

ANA ISABEL FONSECA

Os juízes do Tribunal da Relação de Guimarães consideraram num acórdão que o ciúme não é um motivo fútil e decidiram, por isso, alterar a decisão que condenava um jovem a seis anos de cadeia por tentar matar a ex-namorada à facada. A pena aplicada a Bruno Oliveira passou para cinco anos e foi suspensa.

“Embora o motivo tenha sido muito reprovável não se deve qualificá-lo como ‘fútil’, isto é, irrelevante ou insignificante, ou como ‘torpe’, ou seja, vil e abjecto”, diz o acórdão, que imputa ao arguido um crime de homicídio tentado na forma simples,

em vez de na forma qualificada.

O crime ocorreu em agosto de 2016, em Vizela. O jovem, na altura com 19 anos, tentou reatar o namoro com a vítima, de 17. Discutiu com a vítima por aquela ter uma nova relação e deu-lhe uma facada perto do peito. Apesar de reprovador o ciúme, o Tribunal da Relação diz que é um sentimento “natural”.

“Matar por ciúme é um tema clássico da arte (o do Otelo que mata Desdémona e as suas múltiplas réplicas na literatura, no cinema, no teatro), o que demonstra que tem sido universal e intemporal. Esperar-se-ia, porém, que hoje em dia, quando vivemos numa sociedade mais

PORMENORES

Outras atenuantes

O tribunal considerou ainda que a idade do arguido à data dos factos é uma atenuante, bem como o facto daquele não ter antecedentes criminais.

Arguido preso em casa

Bruno Oliveira, que trabalhava como motorista, chegou a estar em prisão preventiva. Atualmente encontra-se em prisão domiciliária.

Paga indemnização

Para que a pena fique suspensa o arguido tem que pagar 15 mil euros à vítima. Tem que entregar 1500 euros de seis em seis meses, durante cinco anos.

aberta, mais informada e mais democrática do que qualquer das anteriores, o ciúme – não podendo desaparecer, pois é um sentimento natural e espontâneo – não fosse tão patológico e aberrante, ao ponto de alguém querer tirar a vida a outrem só porque essa outra pessoa não corresponde aos afetos”, lê-se.

Ao CM, Daniel Cotrim, assessor técnico da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, disse não ter lido o acórdão, mas salientou que nada o espanta. “Estão a reduzir a violência doméstica àquilo que ela não é, dando a entender que decorre de um ato de paixão. Trata-se de um crime grave cometido contra as pessoas”, afirma. ●

NOTÍCIA EXCLUSIVA
DA EDIÇÃO EM PAPEL



ID: 74630749

21-04-2018

Mortes Cinco famílias revelam falhas nos apoios financeiros e psicológicos. Em Portugal, mas também em França e no Reino Unido

Vítimas portuguesas do terrorismo dizem-se abandonadas

HUGO FRANCO

A estada no hotel de cinco estrelas Riu Imperial Marhaba Hotel, em Sousse, foi um bônus da agência de viagens: ficava mais perto das praias paradisíacas do que o hotel que Maria Glória Moreira tinha reservado antes de viajar para a Tunísia. A reformada de 76 anos estava a recuperar de uma depressão causada pela morte do marido e quis regressar, sozinha, a um dos destinos turísticos onde fora feliz. Morreu ao quinto dia de férias, vítima dos tiros de Kalashnikov do estudante de aviação Seifeddine Yacoubi, ao meio-dia de 26 de junho de 2015.

A família ainda não recuperou da morte abrupta. E ao recordar aquele negro início de verão em que lutaram contra a dor e também contra "muita burocracia e contratempos", saem-lhes palavras pouco diplomáticas. "Estamos desapontados com a postura do Governo português que não nos apoiou da forma que merecíamos", critica Luís Fernandes, genro de Maria Glória. "As entidades portuguesas 'desapareceram' a partir do funeral da minha sogra", concretiza.

Ao contrário de Cavaco Silva, o então Presidente da República, que enviou condolências, não houve mensagens de solidariedade do Governo. E até as diplomacias brasileira (Maria Glória tem dupla nacionalidade) e inglesa (a maioria das vítimas era daquele país) têm sido mais proativas, garante.

Foi a família que descobriu que tinha direito a apoio psicológico. Ninguém o avisou. "Desde que está na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a minha mulher tem recuperado de forma espetacular", frisa. A APAV reconhece a inexistência de um protocolo de atuação para chegar até às famílias de vítimas do terrorismo. "As vítimas apoiadas são direcionadas para a APAV pontualmente, ou por sua iniciativa", explica Bruno Brito, responsável da associação pela área dos homicídios. A APAV tem entretanto reunido com o Governo "para conseguir chegar a esse protocolo".

A lei portuguesa prevê indemnizações às vítimas portuguesas de terrorismo fora do território europeu (ver entrevista) mas a família de Maria Glória não quer dinheiro. "A compensação financeira não nos interessa. Não sabemos que valor tem uma vida."

Em resposta ao Expresso, José Luís Carneiro, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, é taxativo: "Sempre que se verifica uma ocorrência desta natureza é proporcionado todo o apoio institucional por parte dos serviços consulares correspondentes à



Francisco Lopes foi ferido em Londres



Précilia Correia morreu no Bataclan

Luís Fernandes e Alexandra Moreira seguram a foto de Maria Glória Moreira, que morreu num resort em Sousse, na Tunísia, em junho de 2015. Em cima, Francisco Lopes poucas horas depois do ataque realizado por Khalid Masood em março de 2017 na ponte de Westminster, em Londres. À esquerda, uma fotografia de Précilia Correia cedida ao Expresso pela mãe, Patricia Correia. A portuguesa morreu no Bataclan

área de jurisdição onde o incidente teve lugar, mas também no Ministério dos Negócios Estrangeiros, centralmente, em Lisboa. Nas situações que, pela sua exceção, o justificam, têm sido mobilizados os meios do Estado." E avança dados concretos: só em 2017 o seu gabinete recebeu e deu seguimento a 9900 pedidos de emergência.

De Paris a Lisboa

Na última sexta-feira, 20 de abril, Précilia teria completado 38 anos. A mãe, a francesa Patricia Correia, viajou de Paris e encontra-se em Lisboa para prestar homenagem à filha, que na noite de 13 de novembro de 2015 tinha saído com o namorado para ir ao concerto dos Eagles of Death Metal no Bataclan. Précilia nasceu e cresceu em Paris mas costumava viajar nas férias para Portugal, país da família paterna. "Disse-me que se sofresse um acidente gostaria de ser

sepultada no cemitério dos Prazeres", confidencia Patricia Correia que não está satisfeita com o apoio das autoridades francesas. "O Estado tem tentado auxiliar-nos na sequência destes ataques mas há muitas falhas", critica.

Para a mãe de Précilia, o que devia ter sido uma situação resolvida "com a maior celeridade possível" tem-se "arrastado nos últimos anos, sem um aparente fim à vista". A francesa aponta também o dedo à falta de preparação dos psicólogos para "lidarem com situações deste tipo".

A família de Manuel Dias, 63 anos, mostra-se desolada com as autoridades francesas e com as portuguesas. O taxista morreu numa explosão quando transportava três clientes ao Estádio de França para assistirem ao jogo contra a Alemanha dessa sexta-feira 13. O filho, Michael Dias, garante que o apoio de França tem sido insuficiente. "Não recebemos nada até agora. E



as indemnizações são irrisórias, para quem aceitou as primeiras propostas do fundo de garantia."

Três anos depois do atentado que matou 130 pessoas em Paris e Saint-Denis, a família Dias não tem dúvidas: "Há uma tendência em querer fazer-nos cair no esquecimento para desviar a responsabilidade política nos ataques." Se pouco tem sido feito por Paris, de Lisboa o apoio é "inexistente". Apesar de residir há 45 anos na capital francesa, Manuel Dias tinha raízes em Corte do Pinto, aldeia de Mértola que ficou de luto com a morte.

Feridas por sarar

Em Londres, Francisco Lopes, 27 anos, perdeu a autoconfiança que o definia antes de ser atropelado na ponte de Westminster pelo jihadista Khalid Masood, a 22 de março de 2017. Os ferimentos não eram graves. Já as maze-

ANTÓNIO, ATROPELADO EM NICE, FICOU INCAPACITADO PARA TRABALHAR. E A MULHER ESTÁ DE BAIXA DEVIDO AO TRAUMA DO ATENTADO



Luís Fernandes e Alexandra Moreia, filha de Maria Glória, assassinada na Tunísia

FOTO RUI DUARTE SILVA

las psicológicas não desapareceram. "Sofro de claustrofobia. Evito entrar no metro quando vai cheio. E fico em sobressalto e com arrepios quando passo por mim um carro a alta velocidade. Mas estou melhor", conta.

Não terá sido o apoio psicológico dado pelo Governo britânico que o ajudou a superar os medos. "Mandaram-me para um especialista em traumas e estou em lista de espera há mais de um ano." Também o apoio financeiro tem sido intermitente. "Deram-me dois avanços, mas não o dinheiro definitivo." Por outras palavras, Londres "poderia ter feito mais."

Em pior estado ficou António Soares, 55 anos, vítima de um atropelamento que matou 84 pessoas em Nice, numa noite que era de celebração, a 4 de julho de 2016. O português não escapou ao camião conduzido por Mohamed Bouhleb mas ainda teve tempo de salvar a mulher. Desde então tem sido sub-

metido a cirurgias à perna esquerda e poderá voltar a ser operado. "O meu pai era ladrilhador mas neste momento não pode exercer e à partida nunca mais poderá trabalhar", conta o filho Mickael Soares.

Sem trabalho, é pouco o dinheiro que a família recebe, já que a mãe de Mickael também está de baixa devido ao trauma psicológico de há dois anos. "Estão a ser ajudados apenas pelo apoio à vítima de França que tem disponibilizado fundos para despesas do quotidiano. O montante é pequeno. Até ver não há nenhuma promessa de indemnização", garante. Neste momento, os pais vivem em Portugal e continuam a pagar a totalidade dos créditos bancários já que não lhes foi reconhecida invalidez ou incapacidade. "De Portugal não tivemos nenhum apoio e tenho medo." Medo de que fiquem abandonados à sua sorte.

hfranco@expresso.imprensa.pt

15 mortos e 23 feridos em 17 anos

Desde o ataque às torres gémeas em Nova Iorque, o extremismo islâmico fez perto de 40 vítimas portuguesas

A contagem é oficiosa e baseia-se nos dados públicos sobre os atentados cometidos por grupos terroristas e os raptos realizados por milícias extremistas a cidadãos com sangue português. Só o ataque do 11 de setembro de 2011 nos EUA matou 5 cidadãos nacionais. E em Bruxelas, as explosões de março de 2016 feriram 17 portugueses, ainda que sem gravidade.

CARCASSONE Bala quase fatal

As últimas atualizações médicas dão conta que Renato Silva, 26 anos, natural de Coimbra, está a recuperar no hospital de Perpignan, em França. Foi alejado na cabeça a 23 de março em Carcassonne (sul de França) por Radouane Lakdim. O português, que chegou a ser dado como morto pelas autoridades, ainda conseguiu telefonar à mãe, revelando o ataque e descrevendo o marroquino de 27 anos. Mas acabou por entrar em coma. A bala não causou danos irreversíveis e Renato Silva melhorou depressa, tendo sido já visitado por Marcelo Rebelo de Sousa. O atentado em Carcassonne e Trèbes matou três pessoas e o terrorista foi abatido.

OBJAJANA-KABBA Empresário executado

Em outubro do ano passado, o engenheiro civil José Machado, 51 anos, tinha sido raptado por um grupo armado durante a inspeção às obras para a construção da estrada de Obajana-Kabba, no centro da Nigéria. O grupo exigiu um resgate pela libertação do português do Marco de Canaveses. Mas a 29 de novembro a família recebeu a pior das notícias. Os raptadores executaram o português, apesar de terem recebido o dinheiro do resgate.

BARCELONA Morte de avó e neta

Maria de Lurdes, 74 anos, e Maria Correia, 20 anos, foram atropeladas mortalmente pela carrinha conduzida por Younes Abouyaagoub no centro de Barcelona. Eram avó e neta, viviam em Sintra e tinham chegado à cidade poucas horas antes do ataque realizado na tarde de 17 de agosto de 2017 nas Ramblas. O atropelamento custou a vida a 15 pessoas e fez 131 feridos.

LONDRES Trauma em Westminster

Francisco Lopes nasceu no Barreiro há 28 anos mas vive em Londres desde os oito. A 22 de março de 2017, quando ia já no final da ponte de Westminster a caminho da estação de metro e perto do Big Ben, foi atropelado pelo carro conduzido por Khalid Masood. Em segundos estava deitado no chão e semiconsciente com ferimentos. Chegou a ser alvo de cirurgias. Cinco pessoas morreram, incluindo o atacante e um polícia.

NICE Atropelados por camião

Quatro portugueses escaparam por pouco à morte quando o camião conduzido por Mohamed Bouhleb entrou a alta velocidade na Promenade des Anglais, em Nice, a 14 de julho de 2016, noite que era de comemoração pela tomada da Basti-

lha. 84 pessoas morreram. Entre os feridos estava António Simões e um casal com uma criança de três anos.

BRUXELAS Caos no metro

André Pinto, 28 anos, foi internado após a explosão na estação de metro de Maelbeek, em Bruxelas. O motorista de autocarros que cresceu na capital belga foi um dos 17 feridos de origem portuguesa vítimas dos dois ataques suicidas de 22 de março de 2016 no metropolitano e no aeroporto de Bruxelas. Nenhum dos portugueses ficou ferido com gravidade.

OUAGADOUGOU Morte no Le Capuccino

António Basto, 52 anos, natural de Massarelos, vivia desde os sete anos em Bosc-Hyons, na Normandia. Foi um dos 29 mortos no ataque realizado a 15 de janeiro de 2016 no restaurante Le Capuccino, um local muito frequentado pelos estrangeiros que se encontravam em Ouagadougou, capital do Burkina Faso. O atentado foi reivindicado pela Al-Qaeda do Magrebe.

PARIS Horror em França

Précilia Correia, 35 anos, e Manuel Colaço Dias, 63 anos, foram as duas vítimas mortais portuguesas dos ataques cometidos em Paris no Bataclan e junto ao estádio de França, a 13 de novembro de 2015. Morreram 130 pessoas e sete dos atacantes.

SOUSSE Mortes na praia

Maria Glória Moreira, 76 anos, de Vila Nova de Gaia, foi uma das 39 pessoas que morreram no ataque ao resort tunisino em Sousse, a 26 de junho de 2015. O atirador foi abatido.

MALI Refém assassinado

Gilberto Rodrigues Leal, 62 anos, foi morto por um grupo jihadista que o raptara dois anos antes no Mali, junto à fronteira com o Senegal e a Mauritânia. O refém francês de origem portuguesa gostava de viajar de autocaravana para locais inóspitos.

MARRAQUEXE Explosão no café

Em dezembro de 2011, um atentado no café Argana, em Marraquexe, matou 17 pessoas. Entre elas estava André Costa Silva, um português de 23 anos que vivia na Suíça.

BALI Ataque a discoteca

O paraquedista Diogo Riberinho foi um dos 202 mortos dos atentados de outubro de 2002 na discoteca Sari Club, na ilha de Bali (Indonésia). Estava de folga com dois colegas na altura do ataque.

NOVA IORQUE Torres Gémeas

Cinco portugueses morreram no ataque de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center, em Nova Iorque. Alguns eram funcionários nas Torres Gémeas. João Aguiar Júnior, 30 anos, Carlos da Costa, 41 anos, António Rodrigues, 36 anos, António Rocha, 34 anos, e Manuel da Mota foram as vítimas.

Carlos Anjos
Presidente da Comissão de Proteção às Vítimas de Crime

“Nenhum cidadão português pediu apoio”

A lei portuguesa de apoio a vítimas do terror não difere muito da de França. Quem o garante é Carlos Anjos, que preside à comissão de apoio às vítimas de crimes violentos. E lembra que o país onde é cometido um atentado tem de se responsabilizar pelas vítimas e famílias. Mas há exceções à regra.

Um português, mesmo com dupla nacionalidade e que não resida em Portugal, pode pedir uma indemnização por perda de um familiar num ataque no estrangeiro?

Têm direito a apoio financeiro e psicológico as vítimas diretas de crimes de terrorismo e os familiares que à data do crime estavam economicamente na sua dependência, em Portugal e nos países da UE. Está a alterar-se este quadro legal, nomeadamente na questão do apoio psicológico, para que este possa atingir mais pessoas na orla familiar. Na UE, o Estado responsável pelo pagamento de indemnizações é aquele onde ocorreu o atentado. O nosso país assume a responsabilidade pelos portugueses que residam em Portugal e sejam vítimas fora da Europa. Se um português for vítima em Marrocos e não seja indemnizado pelo Estado marroquino, Portugal assumirá essa responsabilidade.

Portugal só tem de pagar indemnizações a vítimas portuguesas?

A questão da nacionalidade não tem rigorosamente nada que ver com a atribuição de indemnizações. Portugal é responsável pelo pagamento de indemnizações a todas as vítimas de crimes violentos que ocorram em Portugal.

Quantas famílias de vítimas de terrorismo apoia neste momento a Comissão?

Até este momento, nenhum português pediu apoio por este crime. Frise-se que não foi cometido nenhum atentado em Portugal. Os portugueses vítimas de atentados na Europa e até nos EUA terão sido indemnizados pelos países onde sofreram os crimes, caso tenham pedido essa indemnização. Podiam ter apresentado o pedido em Portugal, e seríamos nós a canalizá-lo para o país onde ocorreu o crime. Existe ainda o caso dos portugueses que trabalhavam em países africanos e ali foram vítimas do terrorismo. Nunca foi apresentado qualquer pedido para a concessão de uma indemnização.

Há algum protocolo ou fundo de garantia que proteja as vítimas de atentados?

A lei é semelhante ao quadro legal francês. A questão que se pode colocar é nos montantes do apoio ou das indemnizações, mas isso tem que ver com a forma de financiamento do fundo de apoio a vítimas. Em França e Espanha o financiamento é público e privado. Em Portugal o fundo é público e vem quase na totalidade do Orçamento do Estado. As nossas dificuldades com o valor desse fundo e com o valor das indemnizações a pagar serão sempre significativas.



APAV Açores realiza V Jornadas Contra a Violência

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove no dia 15 de Novembro de 2018 as V Jornadas APAV Açores contra a Violência, na cidade da Lagoa. O evento terá lugar no Cine Teatro Lagoense.

Após quatro edições em Ponta Delgada, pela primeira vez a Lagoa será o palco de discussão e reflexão partilhadas com os vários parceiros sobre temáticas no âmbito do apoio a vítimas de crime e a prevenção da vitimação e da violência.

No evento, que irá reunir diversos especialistas, serão abordadas três áreas principais: Violência Filioparental, Apoio Online a Vítimas de Crime e Violência contra Pessoas com Deficiência Intelectual e/ou Multideficiência.

ID: 74693703

26-04-2018

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“Justiça não protege vítimas de violência”

ALERTA ▶ Francisca de Magalhães Barros denuncia falhas no sistema de teleassistência atribuído às mulheres vítimas **PEDIDO** ▶ Pintora diz ao CM que agressores é que deviam ser monitorizados

JOÃO CARLOS RODRIGUES

Vítima assumida de violência doméstica e ativista da luta contra o flagelo, a pintora Francisca de Magalhães Barros, de 28 anos, acusa o sistema de proteção de deixar as mulheres desprotegidas face aos agressores. E diz ao CM que os meios de teleassistência “de nada servem”. Com dois processos a correr na Justiça, já com condenações de primeira instância e em recurso, depois de anos de violência e perseguição mesmo após o divórcio, denuncia a ineficácia do sistema.

“O aparelho de teleassistência de nada serve, nem como me-

“BOTÃO DE EMERGÊNCIA NÃO SERVE SE JÁ ESTIVER MORTA”, DIZ A VÍTIMA

didada de segurança, nem como medida da prevenção da violência doméstica em si. O aparelho funciona com uma localização GPS, que permite à Cruz Vermelha Portuguesa, após ser carregado o botão de emergência, saber qual é a minha localização e automaticamente avisar a polícia da mesma. Mas se não sabemos que o agressor se está a aproximar só serve quando já estamos mortas, formos agredidas ou ameaçadas”, diz.

Francisca conta que o dia a dia “acaba por ser uma habituação a esta mesma atribuição, de estatuto de vítima sem qualquer tipo de proteção”. A ativista conta que o ex-marido “está



Francisca de Magalhães Barros diz que o aparelho de teleassistência deixa as mulheres desprotegidas

sujeito a uma proibição de contactos que não pode ser verificada, a não ser que a mesma seja quebrada”. E é só ela que tem de usar o aparelho. Esta situação “continua a permitir que dia após dia existam situações de alto risco para as vítimas de violência doméstica. Precisamos de uma legislação diferente e eficaz, a começar por as vítimas serem tratadas como vítimas e os agressores como tal”. ●

PORMENORES

Prémio

Recebeu há um mês o prémio internacional Grito de Mujer 2018, por mérito nas artes plásticas - motivo aproveitado para alertar para o problema da teleassistência na violência doméstica.

Tribunais

O sistema de teleassistência, tecnicamente conhecido por Unidade de Proteção da Vítima, é atribuído pelos tribunais e acionado pela Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Cruz Vermelha

A teleassistência é operada pela Cruz Vermelha Portuguesa. Quando o botão é pressionado, o operador aciona os meios (PSP, GNR ou outros) que mais rapidamente ajudem a vítima.



Corrida solidária

No dia 26 de maio realiza-se a 15.ª Corrida Solidária APAV. O evento contará com uma corrida noturna, na zona do Campo Grande. A partida será na Reitoria da Universidade de Lisboa e a corrida será de 10 quilómetros, já a marcha das família será feita em apenas 5 quilómetros. Para mais informações aceda em <http://www.corridadesolidariedade.org/>.





AGENDA DESPORTIVA

AQUI FICAM ALGUMAS SUGESTÕES PARA
COLOCAR EM PRÁTICA OS TREINOS

PORTUGAL

Wings for Life - Correr por quem não pode

Corrida à escala mundial, com partida em simultâneo. Em Portugal pode participar através de uma app para o telemóvel. É uma prova solidária. ■

Data 6 de maio (10h30)

Site www.wingsforlifeworldrun.com

LISBOA

Corrida D. Estefânia

Prova nas comemorações do Dia da Mãe. Corrida de 10 km e caminhada de 4 na zona ribeirinha. ■

Data 6 de maio (09h30)

Site www.xistarca.pt

Preço desde: 10 euros

GAIA

Marginal do Douro

Prova de 10 km e caminhada de 5, com partida e chegada na zona pedonal do Canidelo. ■

Data 5 de maio (17h00)

Site www.runporto.com

Preço desde: 12,5 euros

PORTO

Corrida da Mulher

Prova solidária com o IPO do Porto, destinada a mulheres. Partida e chegada na Alameda das Antas. ■

Data 20 de maio (10h00)

Site www.runporto.com

Preço: 7,5 euros

LISBOA

A Mulher e a Vida

Prova e caminhada de 5 km com partida em Santos e chegada na Torre de Belém. Valor da inscrição é para comprar aparelhos de rastreio do cancro da mama. ■

Data 20 de maio (10h30)

Site www.maratonaclubportugal.pt

Preço: 16 euros

LISBOA

Trail Lx Monsanto

Trail na mata de Monsanto, com um percurso de 23 km e outro de 12. A caminhada tem 12 km. ■

Data 27 de maio (10h00)

Site www.werun.pt

Preço: 12 euros

SEIXAL

River Race - Travessia do rio Judeu

'Prepara-te para ficares sujo.' É o lema da River Race na baía do Seixal. Tem 4400 metros. Muito lodo

garantido. ■

Data 23 de julho (18h30)

Site www.werun.pt

Preço desde: 5 euros (8 com camisola e 16 com camisola e meias run sox)

LISBOA

Corrida da Defesa Nacional

Prova de 10 km com partida na Av. da Liberdade e chegada a Belém. A caminhada do combatente tem 4 km. ■

Data 29 de abril (10h00)

Site www.xistarca.pt

Preço desde: 7 euros

LISBOA

15ª Corrida solidária da APAV

Prova noturna de 10 km e caminhada de 4 km. Visa o apoio à vítima. ■

Data 26 de maio (21h00)

Site www.xistarca.pt

Preço desde: 8 euros



REPORTAGEM 88

Bullying, o monstro que cresce

Sabia que Portugal tem mais casos de *bullying* do que os Estados Unidos, segundo dados recentes da UNICEF?

Tido como um problema grave nas escolas um pouco por todo o mundo, o *bullying* ganha maior expressão a cada dia que passa.

Recentemente levou, inclusive, algumas celebridades a solidarizarem-se com Keaton Jones, um menino norte-americano, vítima de *bullying*, que divulgou um vídeo no Facebook confessando o problema. O vídeo tornou-se viral e o mundo chorou com ele

POR LEONOR ANTOLIN TEIXEIRA

“S e amanhã te encontrar aqui, vou esfaquear-te até à morte!” Paulo Galindro, hoje com 47 anos e, na altura, com 9, arquiteto e ilustrador de livros infantis, ainda não ultrapassou o *bullying* e o efeito traumático de frases como esta. “É um monstro que se cria, é um medo constante que nos paralisa e que é brutal. Porque a grande questão é esta: não se sofre de *bullying* só na escola, sofre-se de *bullying* a toda a hora e em qualquer lugar. Porque a par da violência física vem a violência psicológica e, para mim, essa é a pior vertente deste problema. Um miúdo que sofre de *bullying* está constantemente com medo. Hoje, tenho 47 anos e quando falo daquilo que passei ainda tremo. Não acho que tenha ultrapassado o problema. E acredito que tenho situações na minha vida que derivam disso, desses estados de alma criados pelo *bullying*... São demónios que estão cá dentro”, assegura Paulo Galindro.

Paulo morava no Barreiro, na altura em que a cidade ainda não respirava cultura. Era apenas um lugar industrial, onde a taxa de toxicodependência fazia dos miúdos da rua eficazes agentes de um problema que hoje ganha nome técnico. “Eram os anos ‘80. Na altura, eram só uns miúdos imbecis, cheios de droga, que aterrorizavam alguns de nós. Tive o azar de ser

um destes. A minha mãe não trabalhava e bastou vir à janela, umas duas ou três vezes, em meu auxílio – o que é suposto qualquer mãe fazer – e foi o suficiente para me começarem a ver como ‘o menino da mamã’. A partir daí, massacravam-me todos os dias, várias vezes por dia.” Porém, hoje, o problema não ganha só nome, ganha também definição: “O *bullying* começou a ser estudado em meados dos anos ‘90, por colegas da Universidade do Minho. Apesar de não existir um estudo dedicado exclusivamente ao *bullying* em Portugal (existem estudos que incidem sobre vários problemas onde, entre eles, se aborda esta questão), temos hoje a noção de que o *bullying* afeta entre 20% a 25% de crianças em Portugal. Dito assim, parece pouco, mas esta percentagem equivale a uma em cada quatro crianças, o que, em termos populacionais de uma escola, é uma fatia larga. Antes de tudo, julgo ser importante definirmos o que é o *bullying*. Para ser considerado *bullying*, um ato tem de ser praticado entre pares (se for entre um aluno e um professor é um ato de violência escolar e não de *bullying*, como muitas vezes se ouve na comunicação social), tem de ser um ato repetido e intencional e em que há um desequilíbrio de poder. Isto é *bullying*”, explica Luís Fernandes, psicólogo e autor de vários livros sobre esta temática.



W REPORTAGEM

A importância da família

A mãe de Paulo Galindro agiu da melhor forma que sabia e, sem perceber, prejudicou o filho. O psicólogo Luís Fernandes recorda-se de um caso semelhante. "Lembro-me de uma mãe que me disse, um dia, uma frase que nunca mais esqueci: 'Estou a educar o meu filho com os valores que considero corretos: para ser um bom menino, assertivo, para que goste dos outros e tudo mais... E sinto que, todos os dias, é atropelado na escola!' A sensação desta mãe era que o filho, por ser educado com aqueles valores, era considerado o tóto da turma e, por isso mesmo, era vítima de *bullying*." É dever de um pai e de uma mãe educar o filho da melhor forma que sabe e que consegue. Não significa isto, contudo, que pelo caminho não surjam imprevistos com os quais não contava. O problema do *bullying* é um deles. De certa forma, os pais sentem-se culpados por nada conseguirem fazer, como adianta o psicólogo: "Os pais, e com toda a razão, ao entregarem os filhos na escola – o lugar onde é suposto estarem protegidos deste tipo de circunstâncias –, não querem que estas situações sejam admissíveis. Sentem-se culpados, porque julgam estar a fazer um bom trabalho e, depois, deparam-se com situações destas..."

Há também casos, contudo, em que é justamente a situação familiar que causa problemas no ambiente escolar. Luís Fernandes trabalha essencialmente com agressores de *bullying* e recorda-se de um caso em particular: "As pessoas têm muito aquela ideia de que os agressores de *bullying* são miúdos provenientes de famílias desajustadas, ou de bairros complicados, da classe baixa. O problema do *bullying* em nada está relacionado com a classe social, é um problema transversal a todas as classes sociais. Recordo-me de um miúdo cujos pais eram separados, da classe média-alta. A mãe era médica, fazia muitos bancos nas urgências hospitalares e o miúdo passava a maior parte do tempo com empregadas, nunca estava com a mãe. Era agressor. Cada vez que 'fazia asneira', como me dizia, sentia que tinha a atenção da mãe e, então, aquilo tornava-se um problema repetitivo. Era uma chamada de atenção daquela criança..."

Seja por que motivo for, tanto na vítima como no agressor, o apoio familiar e a atenção devida por parte de todos os membros da família é o pilar mais importante, para que o problema seja ultrapassado. No caso de Paulo Galindro "eram outros tempos", como diz. "Os meus pais sabiam o que se passa, mas diziam-me apenas: 'Defende-te!' Eram de

uma geração diferente. Hoje em dia, temos outro tipo de linguagem, outro tipo de informação disponível, estamos mais atentos", acrescenta. Para o psicólogo Luís Fernandes o problema passa, acima de tudo, pela tomada de atenção por parte dos pais e pela sua exigência, à escola, para que algo seja feito: "O que se pode e deve fazer logo é ir à escola e tentar perceber se a escola sabe exatamente o que se está a passar. Isso é um aspeto essencial, no sentido em que a maior parte desses comportamentos se vão passar em contexto escolar. Quando digo exigir, não basta ir à escola, falar com o diretor ou a diretora e vir-se embora. Não... É ir lá todos os dias e chatear, até que algo seja feito! Porque se nada for feito, o agressor fica com a ideia de que pode fazer tudo que nada lhe acontece e o problema vai piorar! Depois, em casa, é crucial que os pais estejam atentos. É importante haver comunicação, diálogo... Claro que, na idade dos 14, 15 anos, é importante dar-lhes espaço, mas é preciso estarem atentos. Há alguns sinais importantes, como, por exemplo: um aluno que baixe repentinamente as

"É um medo constante que nos paralisa e que é brutal"

Paulo Galindro, 47 anos, ex-vítima de *bullying*

notas, uma criança que chegue a casa e se isole muito no quarto, uma criança que sempre praticou alguma atividade e deixa de repente... de a querer praticar. É importante tentar perceber o que se passa. Costumo dizer aos pais que me perguntam, quando o filho é vítima de *bullying*, o que devem fazer: 'Dar-lhe um abraço e dizer-lhe que a culpa não é dele!' Porque não é, efetivamente. Alguns pais ficam muito preocupados quando se apercebem que uma criança vítima de *bullying* tem quatro vezes mais probabilidades de cometer suicídio. Sim, é verdade, mas esse estado de alma não vem isolado, ou seja, a criança não se vai suicidar por ser vítima de *bullying*. É preciso perceber o que está por detrás de tudo isso." Para Paulo Galindro, o tema suicídio é particularmente sensível: "Quando ouço na televisão que um miúdo se suicidou por ser vítima de *bullying*, não consigo ficar indiferente. E se ouço algum comentário pejorativo do género: 'Que estupidez, isso foi porque o miúdo não se soube defender, que exagero...', é bom que essa pessoa saia da frente!", garante. O apoio familiar revela-se, neste sentido, crucial. Apenas esse apoio fará com que a vítima se sinta confortável para contar o sucedido, o que demora, em média, 13 meses, como explica o psicólogo Luís Fernandes: "O que sabemos em relação à denúncia é que é sempre o mais complicado. Sabemos que, em média, os miúdos demoram 13 meses, mais de um ano, a denunciarem as situa-



O apoio da APAV

O *bullying* é uma das atuações-chave da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. A associação lançou, em 2012, a campanha Corta com a violência. Quem não te respeita não te merece, que procurava chamar a atenção das crianças e jovens para as temáticas do *bullying*, da violência sexual e da violência no namoro. Nesse âmbito, foi desenvolvido um manual para profissionais – o manual ‘Crianças e jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir’, disponível em apav.pt/publiproj/ –, que aborda conceitos centrais do ponto de vista da intervenção e compreensão deste fenómeno. Em 2016, foram iniciados na APAV 116 processos de apoio a situações de *bullying*.

ções de que são alvo. Durante, pelo menos, esse ano – e estamos a falar de uma média, há miúdos que podem levar mais tempo! –, se os pais não estiverem devidamente atentos, quando detetam a situação, é muito complicado... Porque quanto mais vamos avançando no tempo, mais difícil é, depois, lidar com a situação!”

No caso dos agressores, o diálogo revela-se igualmente importante. “Tenho pais que – não vou mentir – se mostram até orgulhosos quando digo que o filho é agressor. Acho que, de alguma forma, aqueles pais acham que os filhos são ‘os reis da escola’. Agora, tenho outros que se mostram, desde logo, cooperantes, que não sabiam, de todo, o que se passava e fazem de tudo para que o problema seja ultrapassado. O que é importante reter, a este nível, é que os pais possam trabalhar em articulação com a escola, a escola a uns níveis e os pais noutros. Se todos estiverem empenhados, conseguimos ultrapassar esta situação e o *bullying* deixa de existir”, explica Luís Fernandes.

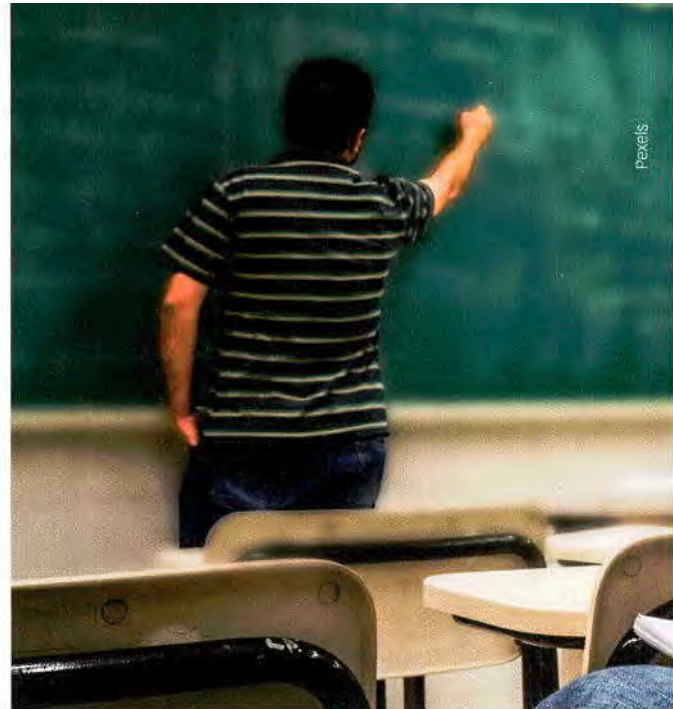
O que falta fazer?

Interdisciplinaridade das equipas nas escolas, uma maior proximidade entre as crianças, a escola e as famílias e um trabalho de maior acompanhamento por parte de algumas entidades não docentes. É des-

ta forma que se vai conseguir, segundo Jorge Ascensão, presidente da CONFAP – Confederação Nacional das Associações de Pais –, combater o *bullying*. Para o responsável, o atual modelo das escolas não se revela eficaz a vários níveis, como explica: “Todos os jovens estão no ensino por força legal e nós temos de evoluir, para que eles possam lá estar com interesse, com estímulo, com vontade. Isto obriga-nos a um trabalho de acompanhamento, de proximidade para com as crianças, os jovens e as famílias, de forma a podermos perceber aquilo que são as suas angústias e os seus problemas e procurar, no âmbito daquilo que é o processo educativo, apoiá-las, quer às vítimas, quer aos agressores. Há aqui um trabalho de acompanhamento que nos exige repensar todo o sistema educativo, todo o modelo de funcionamento e de organização escolar, para nos poder motivar naquilo que é a missão da escola. As salas, por exemplo, que nós pensamos que são salas com alta tecnologia podem não ser exatamente eficazes, ou seja, poderão, antes, ser salas de partilha, salas onde as crianças se vejam frente a frente umas às outras e não vejam apenas as costas do colega. Também o trabalho fora da sala de aula, o acompanhamento, é fundamental. Temos falado muito nos assistentes ocupacionais, não só na quantidade ou no ajuste necessário em termos de quantidade de assisten-

W REPORTAGEM

tes operacionais, mas também daquilo que é a sua formação. Depois, a própria formação docente, para podermos perceber e finalizar essas situações. Outra questão tem a ver, por exemplo, com as equipas transdisciplinares ou multidisciplinares. Estou a falar de psicólogos, assistentes sociais, educadores sociais, animadores sociais... Estou a falar dessas equipas, que podem até não estar ou ser da escola, e, por isso, falo no acompanhamento familiar. Temos de trabalhar em rede. As autarquias também têm aqui um papel importante, as CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) têm um papel fundamental, também. O *bullying* tem origem em frustrações que os jovens e as crianças vivem no seu dia a dia, dentro e fora da escola, e que nós temos, de alguma forma, de apoiar e prevenir. É muito importante haver também um envolvimento familiar, é preciso acompanhar de perto aquilo que são as condições familiares, ver quais são as motivações e objetivos escolares em todas as famílias, se são os mesmos... É preciso percebermos quais são as suas capacidades e as suas necessidades, para que eles se sintam parte do sistema e parte da solução." O psicólogo Luís Fernandes concorda com esta visão, mas leva o problema mais longe: "Sim, fazem falta equipas multidisciplinares nas escolas, mas temos de integrar as forças todas. Por exemplo, o programa Escola Segura é um programa que se tem revelado essencial em



campo, a experiência que tenho é muito positiva. Nas áreas mais urbanas é assegurado pela PSP; nas zonas mais rurais pela GNR. Tanto num caso como no outro, são elementos fundamentais e que funcionam como elo de ligação, porque acaba por não ser, ainda, uma queixa formal, na Polícia ou na GNR, mas são elementos que têm outra sensibilidade e que estão dentro destas questões. São elementos essenciais, porque servem de autoridade e, ao mesmo tempo, fazem alguma pressão nas escolas, no sentido das próprias escolas perceberem: 'Espera aí, isto já está

Quatro Perguntas & Respostas à APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

1 O *bullying* é um problema que vive 'escondido'.

Os jovens têm medo de falar?

Quando falamos desta problemática, não nos podemos limitar apenas aos comportamentos de agressividade. Existem outras formas de violência, silenciosas e impiedosas, que atingem algumas alunas e alguns alunos, independentemente da classe social ou do tipo de instituição educacional que frequentam. Estes comportamentos ligados à agressividade verbal, física e psicológica podem gerar medo e ansiedade nas vítimas. Sabemos, hoje, que os efeitos da experiência de violência na infância, na ausência de qualquer tipo de intervenção, podem prolongar-se e persistir na idade adulta, com impacto, por exemplo, ao nível da qualidade das relações estabelecidas. A ausência de competências sociais e de comunicação podem,

também, explicar este problema da invisibilidade. Muitas das crianças e jovens vítimas têm uma rede social empobrecida, ou seja, com poucos ou nenhuns relacionamentos de amizade, resultando, e sendo ao mesmo tempo consequência, do seu afastamento e isolamento em relação ao grupo de pares e à rejeição por parte destes. Um outro problema que pode conduzir à invisibilidade do fenómeno poderá estar relacionado com a tolerância e a desvalorização generalizada do próprio fenómeno da violência em contexto escolar, assente na tolerância de comportamentos agressivos.

2 Os pais têm consciência de que o problema existe?

Os pais e a sociedade em geral têm consciência de que o problema existe. No entanto, tendem a adiar o confronto com esta realidade. Não raras ve-

zes, ouvimos dizer que as agressões entre crianças e jovens fazem parte do processo normal de crescimento. Considerando a gravidade das consequências deste problema, quer para as vítimas quer para os/as agressores/as, é fundamental que os adultos estejam atentos aos comportamentos dos seus filhos e filhas, de forma a identificarem sintomas ou sinais que possam facilitar a sinalização de situações menos normativas no contexto escolar. Alguns destes sinais e sintomas podem ser a recusa em ir à escola e arranjar desculpas para não ir; a diminuição do desempenho escolar; faltar às aulas; deixar de falar em casa e com a família sobre as atividades diárias; andar mais triste e com receio; dormir mal e ter pesadelos; aparecer com roupa e material escolar danificado e com marcas no corpo que não consegue ou não quer explicar. É impor-



fora da alçada escolar, é importante também fazermos alguma coisa.' Muitas vezes, isso tem sido também o mote para, depois, alguns pais, através da associação de pais, fazerem alguma pressão e criarem até um projeto ou um pequeno programa."

O bullying na agenda política

Todos os dias, as escolas recebem os nossos filhos e nelas confiamos o papel de ensino. Em casa, cabe-nos a nós, pais, o papel da educação das crianças, como seres completos, onde cabe a continuidade de

tudo o que a escola ensina e um pouco mais. Cabe-nos a nós, pais, fazer dos nossos filhos os melhores seres que conseguirmos. No entanto, é, de facto, na escola que as crianças iniciam o processo que as conduzirá à sua vida profissional. As agressões escolares, físicas e psicológicas fazem, infelizmente, parte do dia a dia de algumas crianças. É um problema que não pode ser ignorado e que deve, por isso, fazer parte da agenda política. Para o presidente da CONFAP, o problema, apesar de ser entendido como grave, é, muitas vezes, negligenciado, como sublinha: "É entendido como um problema grave, mas muitas vezes é negligenciado e não é encarado com toda a atenção necessária. Por vários aspetos. Primeiro, porque é necessária formação, é necessário que quem convive hora a hora e minuto a minuto com as crianças perceba os sinais de que alguma coisa possa não estar bem. Às vezes, a obtenção de um mau resultado no teste, um comportamento agressivo ou uma resposta mais mal-educada pode ter, na sua origem, o fator *bullying*. Temos de ir à procura da razão pela qual essas situações acontecem e se existe dentro ou fora da escola. É na escola que as crianças se encontram, a escola é o espaço por excelência onde podemos sinalizar essas situações. Depois, temos de ter os meios adequados para poder trabalhar essas situações e erradicá-las. É importante, também, trabalhar na ótica do agressor, percebermos porque

tante que a criança consiga identificar entre os adultos com quem contacta, pelo menos uma figura de suporte, e que acredite que esta será capaz de a apoiar e ajudar a resolver o problema.

3 Que faixas etárias são maioritariamente abrangidas pelo problema?

Qualquer criança/jovem pode ser vítima de *bullying*. No entanto, parecem existir alguns grupos especialmente vulneráveis a esta forma de violência. As vítimas de *bullying* são geralmente crianças a frequentar o ensino básico, (1.º e 2.º ciclos), são, de um modo geral, e por comparação com o/a agressor/a, mais novas, mais fracas e mais pequenas. Segundo alguns dados divulgados em estudos realizados nesta área, o risco de 'revitimização' diminui com o aumento dos anos de escolaridade. As vítimas possuem, por norma,

algum tipo de característica, física ou não física, que as diferenciam do grupo de pares. Podem ter óculos ou aparelho nos dentes, ser novos na escola, ter peso acima da média ou excesso de peso, ter uma orientação sexual diferente, pertencer a uma minoria étnica. Há mais características, além da idade, que podem aumentar a vulnerabilidade das crianças à violência.

4 Quem vê ou assiste a este problema ajuda? Ou tende a ignorar?

Segundo o relatório do estudo do Health Behavior in School-aged Children, de 2010 – promovido pela Organização Mundial da Saúde, e liderado, em Portugal, pela equipa do Projeto Aventura Social –, cerca de 60% dos adolescentes referiu já ter assistido a situações de provocação na escola. Os rapazes referem terem assistido mais frequen-

temente do que as raparigas, e são os adolescentes do 8.º ano que mais referem terem assistido a situações de *bullying*. Dos jovens que referiram ter assistido a situações de provocação, a grande maioria, cerca de 61,9% (de uma amostra de 1891 alunas/os) referiu que se afastou sem nada fazer, enquanto 54,8% (de uma amostra de 1805 alunas/os) ficou a observar sem nada fazer.

É importante dotar as crianças e os jovens de competências para agirem, caso conheçam alguém que seja vítima ou assistam a uma situação de violência. Contudo, não deve ser descurada a necessidade de garantir que o seu envolvimento não resultará numa situação de risco para si próprios. Mais uma vez, é importante chamar a atenção para a necessidade de envolver um adulto na resposta a uma situação desta natureza.



W REPORTAGEM



é que aquilo está a acontecer, se o agressor está apenas a replicar o que aconteceu consigo próprio. Na ótica da vítima, trabalhar para a amparar e, de alguma forma, também para a salvar dessa situação, para que possa viver tranquilamente o seu tempo escolar." De uma forma prática, o responsável deixa alguns conselhos para que o problema possa ser erradicado: "Há uma disrupção entre a vida familiar e a vida escolar e a criança é a mesma, transita de um ambiente para o outro. Logo, se não houver uma ponte, se não houver um amparo nesta transição, nunca vamos conseguir resolver estas situações. É preciso fazermos exposições, esclarecimentos e formação, fazer esse trabalho de acompanhamento. É muito importante haver aqui um envolvimento familiar, uma responsabilização. É importante estes profissionais, que trabalham com a escola na área social, acompanharem de perto aquilo que são as condições de cada família. É um trabalho que exige um compromisso de todas as partes: da parte política, da parte docente, da parte não docente e das famílias, obviamente. É complexo, sim, mas tem de ser feito e a escola não pode continuar a focar-se essencialmente – que é o que tem vindo a acontecer – naquilo que é a classificação ou a preparação dos jovens para a obtenção de uma nota que lhes permita o passo seguinte, seja o acesso ao ensino superior ou outro." Um ponto de vista partilhado pelo psicólogo Luís Fernandes: "Muitas vezes, o problema do *bullying* não é entendido na sua totalidade por questões mais abrangentes, como seja, por exemplo, o *ranking* das escolas. Assumir que existe *bullying* naquela escola, significa admitir que aquela escola

tem problemas e as direções não querem isso. Querem ter bons *rankings* de exames e ficar por aí. O que acontece, depois, é que temos um *bullying* camuflado, ou seja, existe, mas não sai para a comunicação social. Só é notícia quando, infelizmente, algo de muito grave acontece e a escola é obrigada a agir. Não há uma escola sem casos de *bullying*."

Sempre existiu, é um facto, e hoje tem nome. Mas o *bullying* de hoje também é diferente do de ontem. Hoje ganha expressão nas redes sociais e, num ápice, o monstro assume um tamanho assustador. O conhecimento, contudo, para o psicólogo Luís Fernandes, é a melhor forma de combate: "Um aspeto que tem melhorado muito nos últimos anos é a questão do conhecimento e da divulgação que estas questões vão tendo na comunicação social, e o impacto que têm ganhado em termos sociais. Muitas vezes, os pais perguntam-me se há mais *bullying* agora do que havia há uns anos. Nós não conseguimos ter esse termo de comparação. A verdade é que há uma maior visibilidade e, se calhar, vamos começar a aproximar-nos de um melhor conhecimento. Seja a que nível for, o mais importante é os pais estarem

atentos. Proibirem os filhos de usarem a internet não é a melhor forma de combate. Nunca vai resultar, porque eles vão arranjar forma de a usarem. Portanto, é darem liberdade com controlo."

Com uma expressividade hoje mais assustadora do que ontem, o *bullying* exige, de todos, um compromisso. Nesta que é uma sociedade cada vez mais exigente, urge a criação de uma estratégia, para um combate mais eficaz. Luís Fernan-

des está, neste momento, em fase de criação de um Plano Nacional de Prevenção e Combate ao Bullying. "Estamos a começar a trabalhar com a Direção-Geral de Educação neste sentido para, nos próximos anos letivos, portanto, entre dois ou três anos, conseguirmos implementar um plano – do qual o Ministério será o grande dinamizador – em que haja uma linha condutora, de maneira a que isto não seja trabalhado de uma forma pontual, esporádica, por meia dúzia de pessoas, mas sim com recursos a todos os níveis, para que as escolas trabalhem isto de uma forma eficaz", finaliza. É um começo. Aos pais cabe, depois, o trabalho de acompanhamento e de assumir esse compromisso de uma maior atenção. ●

“O *bullying* tem origem em frustrações que os jovens vivem no seu dia a dia”

Jorge Ascensão,
presidente da CONFAP
(Confederação Nacional
das Associações de Pais)

Em Nome da Lei

O direito e as nossas vidas em debate. Sábado às 12h, com repetição domingo às 0h



🖨️ A+ / A-

ARQUIVO

Escolha o mês ▼

EM NOME DA LEI

Como vai a criminalidade em Portugal?

07 abr, 2018 • Marina Pimentel

O crime aumentou em Portugal no último ano, mas as formas mais graves e violentas desceram 8,3%, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna. Há quem questione estes dados.

O Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) inclui os indicadores de criminalidade registados por oito organizações de polícia criminal. Nesta edição do Em Nome da Lei, vamos analisar os resultados deste estudo sobre a criminalidade participada no nosso país – as principais conclusões e os critérios de classificação dos crimes praticados no último ano.

Até porque há quem considere que o relatório acaba por branquear a realidade pela forma como arruma os dados – por exemplo, pelo facto de não incluir parte das estatísticas dos crimes graves, como os assaltos de máquinas multibanco, que aumentaram 76% no último ano.

No debate participam a secretária-geral do Sistema de Segurança Interna, Helena Fazenda, a juíza do Tribunal da Relação de Guimarães, Maria Matos, o presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo (OSCOT), António Nunes, e o presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Frederico Marques.

SAIBA MAIS

▶ Criminalidade. Juíza diz que há manipulação de dados oficiais

PUB

SÃO LOURENÇO
BY TRINCANELA • PARQUE URBANO DE ABRANTES

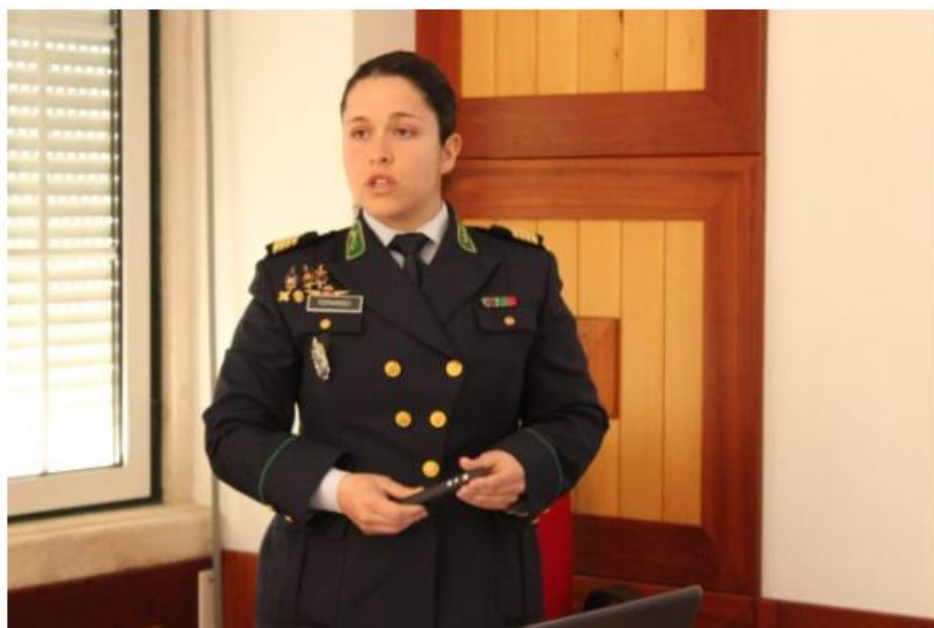
BY TRINCANELA
CAFETARIA • RESTAURAÇÃO • EVENTOS

bonito
by TRINCANELA
PARQUE VERDE • ENTRONCAMENTO

Os espaços ideais para os seus eventos...escolha um!

ALCANENA | MAIORIA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É CONTRA CÔNJUGES E IDOSOS

Por Cláudia Gameiro - Abr 12, 2018



Comandante do Posto da GNR de Alcanena salientou que não basta participar um caso de violência doméstica à GNR, é necessário haver testemunhas Foto: mediotetejo.net

A Comandante do Posto da GNR de Alcanena, Patrícia Fernandes, fez esta quarta-feira, 11 de abril, um retrato da violência doméstica no concelho nos últimos quatro anos. Segundo a responsável, 77% dos crimes são contra um cônjuge, mas também existe um elevado número de casos de violência contra idosos (25%). Quanto à violência infantil esta contempla apenas 3% dos processos.

PUB



Zona Industrial de Sardoal
Telefone 241 851 147 | Telemóvel 961 643 210
jnmaterialisda@gmail.com
<http://www.jnmaterialisdeconstrucao.com/>

PUB

PUB



Margarido's
PRODUTOS ALIMENTARES

PUB



A intervir na conferência "Equipas Municipais de Intervenção na Violência – Constrangimentos e Desafios", no âmbito do 9º Fórum de Recursos Sociais de Alcanena, a Comandante Patrícia Fernandes começou por evidenciar que muitas vezes se delega simplesmente nas forças de segurança a resolução dos problemas de violência doméstica. Sendo um crime público, constatou, para haver processo é necessário pelo menos uma testemunha.

A violência doméstica tem sido registada em diversos tipos de relações familiares, incluindo já atualmente os casais do mesmo sexo. Dos casos participados à GNR entre 2014 e 2018, 77% são crimes contra cônjuges, 25% contra idosos e 3% é violência contra menores. A grande maioria das vítimas são mulheres, enumerou, mas começam também a aumentar o número de homens vítimas, em particular entre idosos.

A idade média do agressor e da vítima é entre os 35 e os 44 anos, sendo que têm crescido as vítimas acima dos 65 anos. A violência física domina, mas também há casos de coação psicológica. Entre os menores sinalizados, a maioria tem entre cinco e 10 anos.

No que toca à violência no namoro, questionada pelo mediatejo.net, Patrícia Fernandes referiu não haver casos registados em Alcanena. Já Gustavo Duarte, da APAV de Santarém, explicou que os serviços têm sido chamados sobretudo para ações de formação sobre essa temática.

O padrão da violência no namoro, dentro de uma lógica de controlo, é semelhante ao da violência conjugal e, por vezes, resulta de casos de violência no passado dos intervenientes, explicou. Por outro lado, constatou, dá-se sobretudo importância aos maus tratos físicos. "A ofensa banalizou-se" e é menos provável de ser encarada como violência doméstica.



15ª CORRIDA SOLIDÁRIA APAV

ABRIL 16, 2018 | FLORIANO SILVA



Recomendar 1



No dia 26 de Maio realiza-se a 15ª Corrida Solidária APAV, que será uma corrida/caminhada noturna pelas ruas nobres da cidade de Lisboa, com partida e chegada junto à Reitoria da Universidade de Lisboa, no Campo Grande. Junte-se a nós e apoie esta causa!

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social, que tem como missão o apoio às vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.



15ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE APAV

26 de maio - 21:00h

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove a 15ª Corrida de Solidariedade APAV.

Trata-se de uma iniciativa solidária que pretende promover momentos de convívio e diversão e fomentar a prática desportiva.

Tem dois percursos: corrida de 10 km e caminhada de 5 km.

Partida e chegada junto ao edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa (Alameda da Universidade, Lisboa), sendo que o percurso passa pelo Campo Grande e por Entrecampos.

[+info](#)

Local: [Reitoria da Universidade de Lisboa](#)



MAIO, 2018

26
MAI

**CORRIDA DE SOLIDARIEDADE APAV
ESTRADA**

📍 Reitoria da Universidade de Lisboa



DATA

(Sábado) 21:00



LOCALIZAÇÃO

Reitoria da Universidade de Lisboa



DISTÂNCIAS

Corrida - 10km ; Caminhada - 5km



ORGANIZAÇÃO

APAV/Xistarca

213 616 160 / info@xistarca.pt



SITE OFICIAL DA PROVA (CLICAR)



CALENDÁRIO GOOGLEGAL



INFORMAÇÃO ADICIONAL

A informação aqui contida é meramente indicativa. O Correr Por Prazer não é responsável pela organização das provas e não responderá a solicitações relativas às mesmas. Para mais informações e/ou dúvidas, deverão contactar as organizações das provas no link acima indicado.



Eventos

15ª Corrida de Solidariedade APAV



No dia 26 de Maio de 2018, realiza-se a 15ª edição da Corrida de Solidariedade APAV. Este ano o evento mudou de moldes: será uma corrida nocturna, realiza-se num sábado à noite.

A Corrida (10Km) e a Marcha das Famílias (caminhada 5Km) vão decorrer na zona do Campo Grande, em Lisboa, com partida e chegada junto à Reitoria da Universidade de Lisboa.

Inscrições:

- 1º prazo | até 30 Abril

Corrida (10Km): 8€

Caminhada (5Km): 6€

- 2º prazo | 1 a 14 Maio

Corrida (10Km): 10€

Caminhada (5Km): 8€

- 3º prazo | 15 a 22 Maio

Corrida (10Km): 12€

Caminhada (5Km): 10€

O valor inclui:

- T-Shirt técnica
- Medalha
- Chip (apenas na Corrida)
- Dorsal



Por Luís Roçadas - 19/04/2018 151 0



No dia 21 de Abril realiza-se a quarta edição da Caminhada Solidária PSP / APAV em Vila Real. Esta caminhada resulta de uma parceria da Polícia de Segurança Pública com a APAV e tem um objectivo solidário, através da recolha de alimentos – entrega de um produto alimentar não perecível nas instalações da APAV em Vila Real (Edifício do ex-Governo Civil de Vila Real, Largo Conde de Amarante).

A caminhada de 8 Km é destinada a todas as classes etárias e sem fins competitivos. O percurso da caminhada desenrola-se na cidade de Vila Real, com partida na Praça do Município (Av. Carvalho Araújo).

Inscrições / informações:

apav.vilareal@apav.pt | 259 375 521

DT NAS REDES SOCIAIS

	5,024 Fãs	GOSTAR
	295 Seguidores	SEGUIR
	1 Subscritos	SUBSCREVER

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- AFVR (Divisão de Honra): Conhecidos os árbitros que vão apitar a jornada 27
- Transmontanos em destaque na etapa portuguesa do Mundial de Motocross

■ Trail Race de Castelo Branco com 6000 inscritos

CAMINHADA SOLIDÁRIA PSP/APAV

AGENDA

Caminhada Solidária da PSP/APAV | 21 de abril

21 ABRIL 2018

by ATUAL on 11 DE ABRIL DE 2018

0 COMMENTS



No próximo sábado, dia 21, realiza-se a quarta edição da Caminhada Solidária PSP/APAV em Vila Real.

A caminhada resulta de uma parceria da Polícia de Segurança Pública (PSP) com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e tem um objetivo solidário, através da recolha de alimentos – entrega de um produto alimentar não perecível nas instalações da APAV em Vila Real (Edifício do ex-Governo Civil de Vila Real, Largo Conde de Amarante).

A caminhada de 8kms é destinada a todas as classes etárias e sem fins competitivos. O percurso da caminhada desenrola-se na cidade de Vila Real, com partida na Praça do Município (Av. Carvalho Araújo).

Inscrições / informações:

apav.vilareal@apav.pt | 259 375 521



Para Ouvir a Rádio clique na imagem.

Anúncio fechado por Google

Não exibir mais este anúncio

Anúncio? Por quê? ➤

Dezenas de motards na estrada lançam alerta contra a violência doméstica

216 Views Abril 04, 2018 Sociedade Distrito



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) convidam o vosso meio de comunicação social para acompanhar a iniciativa Bikers Against Domestic Violence, que consiste num passeio de mota solidário cujo valor das inscrições reverte na íntegra para a APAV, que pretende alertar para a violência doméstica, e que terá início no próximo dia 7 de Abril, sábado, às 10h00, de Setúbal a Campo Maior.

A Cerimónia de abertura irá ter início às 9h30, na Praça de Bocage, em Setúbal, e contará com a presença do Presidente da APAV João Lázaro e do Ex-embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Robert Sherman.

O encerramento previsto para as 16h30 na Quinta das Argamassas, em Campo Maior, contará com a presença da fundadora da Connect to Success e Ex-embaixatriz dos EUA Kim Sawyer e da Administradora do Grupo Nabeiro – Delta Cafés, Rita Nabeiro.

Adega Mayor recebe Motards contra a violência doméstica



Mais de uma centena de motards vão partir, no próximo dia 7 de abril, sábado, numa viagem simbólica de Setúbal a Campo Maior, e que pretende alertar para a violência doméstica, numa iniciativa organizada pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O destino dos Motards é Campo Maior e, em concreto, a Adega Mayor, na Herdade das Argamassas.

A chegada a Campo Maior está prevista para as 13:30, com um Welcome drink no terraço da Adega Mayor. Segue-se o almoço na Quinta Adega Mayor.

Para as 16 horas está marcado o Leilão do Capacete – marca CMS, customizado pela DKA Motorcycles, oferecido por Harley Riders Setúbal, sendo que às 16:30 decorre a cerimónia de Encerramento com Rita Nabeiro, Grupo Nabeiro.

Bikers Against Domestic Violence é uma iniciativa de carácter solidário que também irá contar com a participação do ex-embaixador norte-americano em Portugal, Robert Sherman e da ex-embaixatriz e Directora Executiva do Connect to Success Kim Sawyer, para além de muitas outras personalidades como Quimbé e Joaquim Horta, que se quiseram associar a esta causa. O valor das inscrições neste passeio reverte na íntegra para a APAV, podendo participar todos os motociclos acima de 125cc de cilindrada.

TRÁFICO HUMANO

Polícias não conseguem detetar todos os casos de tráfico de seres humanos

27 DE ABRIL DE 2018 - 06:29

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e antigo ministro reconhecem que números oficiais não dizem tudo.



Foto: Rui Oliveira/Global Imagens

Nuno Guedes



PARTILHAR

COMENTAR

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acredita que os casos de tráfico de seres humanos detetados pelas polícias ficam abaixo da realidade.

O tema é esta sexta-feira tema de uma conferência promovida pelo Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) que na semana passada alertou que este crime está fora de controlo, apesar dos números muito baixos das estatísticas oficiais.

FOTOGALERIA DO DIA



Jornalistas na linha de fogo

FÓRUM DESAFIOS E OPORTUNIDADES
Aveiro • 08 maio 2018 EuroBic**O futuro das empresas e dos negócios na região de Aveiro.** **Hotel Meliá Ria Hotel & Spa** **17H30**

Em 2017 o SEF apenas abriu 20 inquéritos, algo que para o sindicato é "ridículo" perante a realidade.

O presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, admite que os números oficiais do tráfico de seres humanos ficam longe da realidade, apesar de ser impossível perceber a diferença entre o real e o oficial.



João Lázaro sublinha que há poucos anos nem se acreditava que existiam casos deste tipo em Portugal.

Rui Pereira, antigo ministro da Administração Interna e responsável científico pela organização da conferência sobre o tema, também admite que neste crime existirá uma "cifra negra" elevada em todo o mundo e não apenas em Portugal.



Rui Pereira diz que tráfico de seres humanos é um fenómeno cada vez mais preocupante.

A conferência sobre tráfico de pessoas acontece esta sexta-feira em Lisboa, no ISCSP, com a presença de académicos, especialistas das polícias mas também o Ministro da Administração Interna.

PUB

ABRANTES INVEST *à sua medida*

fazemos do seu projeto, o nosso projeto

fale connosco CM-ABRANTES.PT



MÉDIO TEJO | TOMAR E TORRES NOVAS COM MAIS CASOS DE VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NA REGIÃO

Por Cláudia Gameiro - Abr 12, 2018



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) publicou recentemente os seus dados relativos a 2017. Ao nível do Médio Tejo, os concelhos de Tomar e Torres Novas foram os que registaram mais casos de vítimas de violência no último ano, com 12 cada. Seguem-se Abrantes (11), Ourém e Entroncamento (10).

PUB



Zona Industrial de Sardoal
Telefone 241 851 147 | Telemóvel 961 643 210
jnmaterialislda@gmail.com
<http://www.jnmaterialisdeconstrucao.com/>

PUB

PUB



Margarido's
PRODUTOS ALIMENTARES

PUB

O psicólogo clínico Gustavo Duarte, da APAV de Santarém, apresentou os dados gerais do distrito na quarta-feira, 11 de abril, numa conferência sobre "Equipas Municipais de Intervenção na Violência – Constrangimentos e Desafios", no âmbito do 9º Fórum de Recursos Sociais a decorrer em Alcanena. Segundo o responsável, de todos os casos de violência sinalizados, 74% relacionam-se com violência doméstica.

Gustavo Duarte explicou que muitas vezes não são apenas os próprios agressores que desvalorizam as situações de violência, mas também as vítimas, em particular quando se fala de crianças e jovens. "É um desafio sensibilizar para a importância do acompanhamento destas crianças", defendeu, pois a violência ao longo do crescimento pode levar a características nervosas e depressões.

Os jovens vítimas de violência (seja física ou psicológica) estão muitas vezes dependentes dos agressores, têm medo de ser culpabilizadas ou desacreditadas, têm dificuldades em pedir apoio e possuem frequentemente laços afetivos com o agressor.

Em 2017, a APAV de Santarém registou 302 processos, 758 crimes e outras formas de violência e 258 vítimas. Deste bolo, 10% são processos que envolvem vítimas entre os 0 e os 17 anos, em 9% dos casos a vítima é filho/filha e em 27,9% é um cônjuge. A maioria das vítimas (38,4%) provêm de uma família nuclear com filhos.

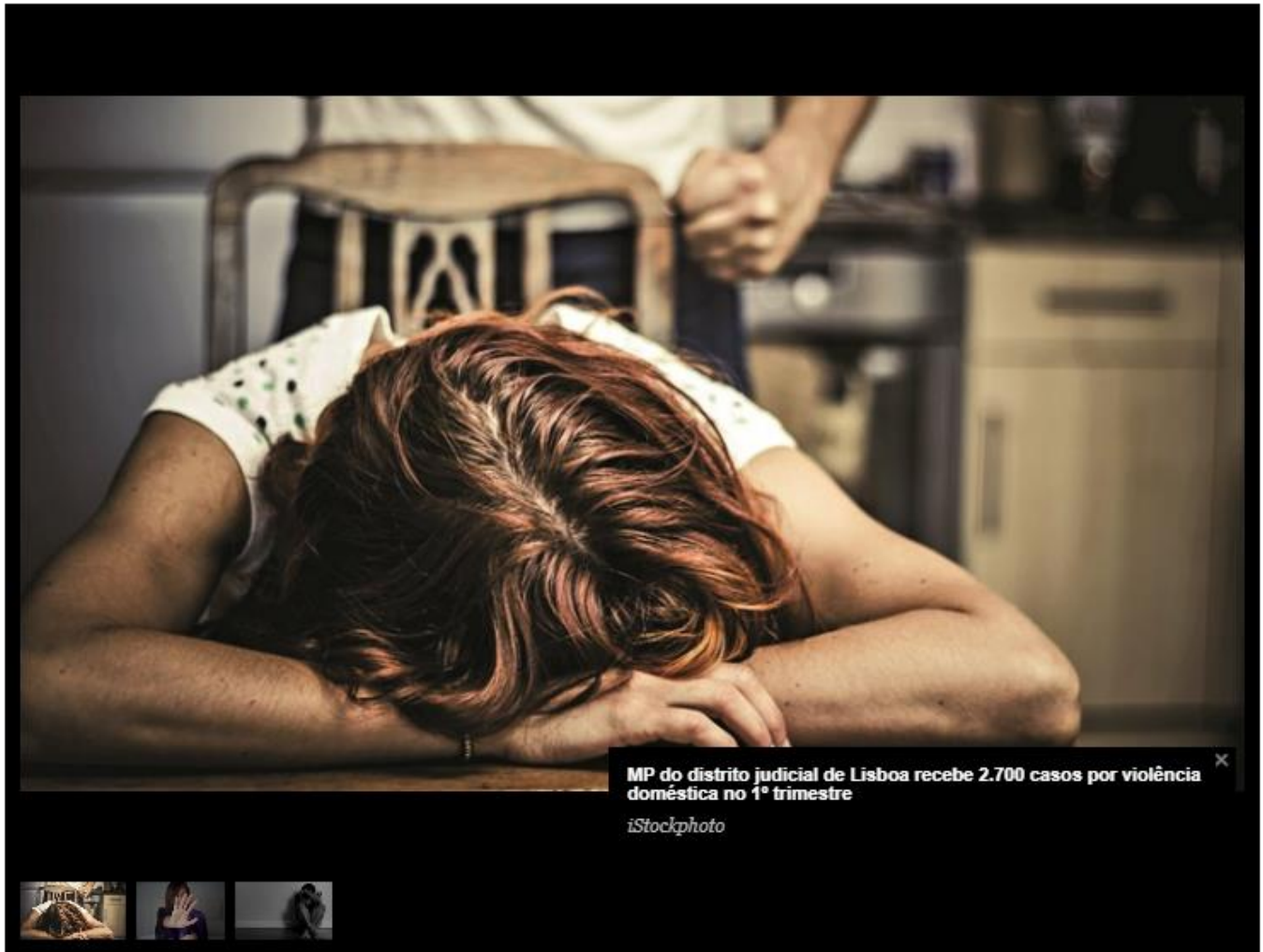
"Cada vez mais é importante investir em redes de apoio", defendeu. O Relatório Anual de 2017 da APAV, em termos globais, aponta que todos os dias houve registo, em média, de três vítimas entre idosos e dois registos de crianças e jovens. A esmagadora maioria das vítimas são mulheres (surgem 14 por dia), mas também aparecem homens (dois por dia). O perfil tipo da criança vítima de violência é ser rapariga, ter cerca de 11 anos e provir de uma família nuclear.

Em termos do Médio Tejo, numa [consulta do relatório disponível na página eletrónica da APAV](#), os concelhos que registaram mais vítimas de violência foram Tomar e Torres Novas, seguidos de Abrantes, Entroncamento e Ourém. Alcanena teve nove casos em 2017 e a Barquinha seis. Ferreira do Zêzere, Mação, Constância e Sardoal registaram apenas dois casos cada e Vila de Rei e Sertã apenas um.

Casos de violência doméstica disparam no Algarve

Algarve registou a maior taxa de incidência de crimes por cada mil habitantes no continente, em 2017.

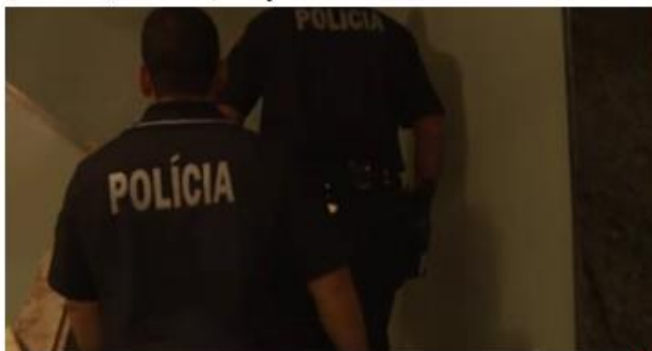
Por José Carlos Eusébio | 08.04.18



111



O Algarve é a região do continente com maior taxa de incidência de crimes de violência doméstica por cada mil habitantes, segundo dados do Relatório Anual de Segurança Interna 2017, que foi recentemente divulgado pelo Governo. O número de casos registou um aumento de 6,3% no ano passado, em comparação com 2016.



De acordo com o relatório, foram contabilizados, no ano passado, um total de 1459 ocorrências, enquanto em 2016 tinham sido contabilizadas 1372 (ou seja, houve mais 87 casos). Em termos percentuais, só o distrito da Guarda registou um aumento maior (10,2%) do que o de Faro (6,3%).



VIDEO

Algarve é a região com maior incidência de casos de violência doméstica

Número de ocorrências aumentou 6,6% no ano passado

A taxa de incidência na região algarvia cifrou-se em 3,3 por cada mil habitantes, sendo este valor muito superior à média nacional, que foi de

2,59. As outras zonas do continente português com uma taxa acima da média foram Lisboa (2,8), Portalegre (2,76), Setúbal (2,73) e Porto (2,61).

Entretanto, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) deu apoio, no ano passado, a 920 pessoas na região algarvia, muitas das quais vítimas de violência doméstica.

PORMENORES

Madeira e Açores

Só a Madeira e os Açores têm um taxa de incidência de crimes de violência doméstica superior à registada no Algarve.

Mulheres

No conjunto do País, as mulheres representaram 79% do total de vítimas de violência contabilizadas no ano passado.

Detenções

Foram detidos pelas forças de segurança 703 suspeitos, no decurso do ano passado, segundo consta do relatório.

Terapia pela arte – Projeto Incluir vai continuar em Santarém

Publicado a 27 de Abril de 2018 — em Cultura/Saúde

O livro “Incluir – 26 histórias de banda desenhada” teve o seu lançamento público, esta segunda-feira, no decorrer do Festival de Letras, na Casa do Campino. A venda do livro destina-se a financiar a continuidade deste projeto inovador de inclusão social e terapia pela arte, desenvolvido pelo Departamento de psiquiatria do Hospital de Santarém.

O livro resulta do trabalho das oficinas artísticas orientadas pelo artista plástico João Maria Ferreira com os utentes do hospital de dia do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santarém. São 36 histórias de vida contadas e ilustradas, em banda desenhada, pelos participantes destas oficinas artísticas que resultaram ainda em exposições e intervenções artísticas em espaços públicos da cidade.

Lançado no final de 2016, o projeto Incluir contou com o financiamento do programa EDP Solidária da Fundação EDP, para o seu arranque, tendo agora chegado a altura de prosseguir pelos seus meios. “Na área psicossocial, ou fazemos o que podemos com os meios que nos são dados ou podemos acreditar que é possível fazer mais”, disse a diretora do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Paula Pinheiro.

O projeto Incluir vai continuar. Com o apoio dos parceiros, este projeto de reabilitação psicossocial de terapia pela arte, desenvolvido pelo departamento de psiquiatria do Hospital de Santarém, entrou numa nova fase de vida autónoma. “Estamos a trabalhar na constituição da Associação Reinsere e já não somos só a equipa do serviço de psiquiatria do Hospital, somos uma associação que pode candidatar-se a projetos, ter a ajuda de mecenas”, afirmou Paula Pinheiro, na apresentação do livro na Casa do Campino.

“O projeto INcluir foi uma pedrada no

charco, daquelas pedras que geram ondas infinitas, mesmo que pequenas, e que mexem com a calma dos preconceitos, com as consciências e com a atenção dos distraídos. Recuperar e capacitar para a vida tem sido uma ação de sucesso extraordinário, despertando sentimentos e vontades adormecidas em vidas a quem o sorriso não visitava com frequência. A arte como forma libertadora de medos e fantasmas tem no Incluir a sua expressão mais bela, pela criatividade genuína e mostra de sensibilidades só ao dispor de poucos”, disse o presidente do conselho de administração do Hospital José Josué.

A sessão de apresentação do livro que teve lugar no decorrer do festival de letras na Casa do Campino contou com a participação do escritor Samuel Pimenta. “Acredito no poder sanador da arte e por isso fico feliz por ver aqui a arte associada à saúde mental”, disse o escritor scalabitano, salientando a beleza das histórias e ilustrações deste livro.

No lançamento do livro no Festival de Letras, surgiram propostas de novas atividades que possam contribuir para sustentar a continuidade do projeto. Desde já está marcada para dia 26 de maio, a VI FestAzul, no Convento de S. Francisco em Santarém, promovida pela equipa de voluntárias ASAS PELA VIDA, destinando-se os valores angariados este ano ao Projeto de Inclusão Social “Incluir – OficINas para todos e para cada um.

A FestAzul tem acontecido uma vez por ano em Santarém, tendo apoiado a LPCC – Liga Portuguesa Contra o Cancro, a APAV – Associação Portuguesa Apoio à Vítima, a Fundação Luiza Andaluz e a Ajuda de Mãe, tendo angariado cerca de € 30.000 a favor destas instituições.



Foto: Joaquim Gomes / O MINHO

BRAGA

Ex-diretor da PJ de Braga no congresso sobre terrorismo

Joaquim Gomes

Há 3 semanas



O anterior diretor da Polícia Judiciária de Braga, Gil Carvalho, será um dos oradores no **5º Congresso de Investigação Criminal**, que decorrerá estas quinta e sexta feira, em Braga.

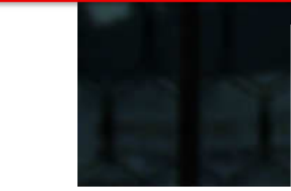
Gil Carvalho, agora a liderar a PJ Polícia Judiciária de Leiria, participará no painel acerca das vítimas de terrorismo, a par de Maria João Guia, inspetora do SEF, bem como de dois responsáveis pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o seu presidente, João Lázaro, e Carla Ferreira, da Rede Care, neste congresso mais centrado no terrorismo.

A iniciativa, que se realizará no Espaço VITA, na cidade de Braga, é organizado pela ASFIC/PJ, em parceria com a universidade do Minho (Escola de Direito) subordinada ao tema do terrorismo, visando debater questões relacionadas com prevenção e investigação deste fenómeno criminal, o seu financiamento e branqueamento de capitais, intelligence, a cooperação policial e judiciária entre Estados, assim como a vitimização provocada pelos atentados.

Segundo o inspetor Ricardo Valadas, presidente da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal (ASFIC), da Polícia Judiciária, neste evento internacional, "para cumprir tal desígnio, contamos com a presença de personalidades de relevo, nacionais e internacionais, ligadas às mais diversas áreas e setores da sociedade".

De acordo com este mesmo responsável sindical, "para que esta discussão seja criativa, dinâmica e inovadora, contamos com a presença massiva dos investigadores criminais da Polícia Judiciária, da Magistratura, bem como de outros profissionais interessados ligados à academia e às ciências forenses".

Ricardo Valadas destaca que "os congressos de investigação criminal da ASFIC/PJ, são uma referência nacional, sendo este evento de Braga, mais uma contribuição ímpar da PJ à sociedade portuguesa, em virtude do perigo e das ameaças que representam hoje os fenómenos do terrorismo", apelando para que " façamos de Braga o centro deste debate".



ESSE ordena aos seus 11 fiscais que apareçam ao trabalho na Câmara de Braga



Aulas suspensas numa das maiores escolas de Braga por greve de pessoal não docente



SC Braga procura vencer Boavista e igualar Benfica e Sporting no segundo lugar



Clube de Vila Real realiza prova do Campeonato Nacional de Velocidade Turismos em Braga



MARCAS

Superbrands. Sabia que...



APAV

Com 12€ por mês, consegue ajudar a APAV a oferecer três sessões de atendimento a pessoas idosas vítimas de violência e crime.

2/8

Quem somos

Companhia
Cepsa Portuguesa
Informação Financeira

Responsabilidade Corporativa

Centro de Imprensa
Inovação e Tecnologia

O Que Oferecemos

Postos de Abastecimento
Lojas de Conveniência
Cartões
Combustíveis
Lubrificantes
Gás butano e propano
Asfaltos
Combustíveis Marinha
Aviação
Petroquímica
Eletricidade

Trabalhe Conosco

Cepsa Careers

Serviços Online

Faturação Eletrónica
Fichas de Segurança

Fornecedores

A Função de Compras
Processo de Compras e
Contratação
Código Ético
Registo e Credenciação
Área Reservada
Próximos Concursos

Prémios ao Valor Social

Regulamento 2017

Vencedores 2015

Contactos

Edições Anteriores

Vencedores 2016

Banco Alimentar

Cáritas

Relatório Anual e de Resp.
Corporativa

Contactos

Prémios ao Valor Social



Bem-vindo à página dos Prémios ao Valor Social da Fundación Cepsa.

O objetivo dos Prémios é reconhecer e impulsionar iniciativas sociais que favoreçam a inclusão e o bem-estar de grupos ou pessoas desfavorecidas, bem como promover estes valores solidários entre os profissionais Cepsa.

A Fundación Cepsa distribuirá até 400.000€ pelos melhores projetos apresentados nos centros de Portugal, Brasil, Gibraltar, Canárias, Madrid, Huelva e Colômbia.

Os vencedores da edição de 2017 em Portugal foram:

- APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
- Acreditar - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro
- Centro Social de Soutelo
- Associação Tempos Brilhantes

E os vencedores da edição de 2017 no Brasil foram:

- Instituto de Cegos da Bahia
- Associação Obras Sociais Irmã Dulce
- Liga Álvaro Bahia Contra a Mortalidade Infantil
- Associação Viva a Vida

Os vencedores do Prémio Especial do Colaborador foram:

- "Renacer en las Provincias", da Fundación del Quemado (Colômbia)
- "Aulas Virtuales", da Corporación Síndrome de Down (Colômbia)
- "Jornadas de sensibilización y concienciación", da Asociación Bomberos Unidos Sin Fronteras (Huelva)

Para qualquer questão relacionada com os Prémios ao Valor Social, envie um mail para:

- Portugal/Brasil: quenecesitas@cepsa.com

Ou contacte-nos gratuitamente para:

- Portugal (+351) 800 50 60 88 - Horário de atendimento: 9h00 às 19h00
- Brasil (+55) 713 50 01 417 - Horário de atendimento: 8h00 às 13h00

Fundação Cepsa outorga os "Prémios ao Valor Social" a quatro entidades portuguesas

EFE | Lisboa | 19 abr 2018



Sede da Cepsa em Madrid (Espanha). EFE/Arquivo



A espanhola Fundação Cepsa outorgou hoje os seus Prémios ao Valor Social a quatro associações portuguesas que contribuíram para a inclusão de pessoas desfavorecidas e promoveram valores solidários em 2017.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o Centro Social de Soutelo, a Associação Tempos Brilhantes e a Acreditar foram os premiados entre 78 candidaturas, recebendo até 50.000 euros para financiar os seus projetos.

Representantes das quatro entidades receberam hoje os prémios numa cerimónia realizada na Câmara Municipal de Lisboa.

A APAV conseguiu o prémio pelo seu projeto de criação de salas condicionadas na sede da Polícia Judiciária para as vítimas infantis de casos de violência sexual.

O seu presidente, João Lázaro, disse que a ajuda económica terá um impacto "enorme" e contribuirá para que as crianças sejam tratadas de forma "mais cómoda" nessas situações.

A presidente do Centro Social de Soutelo, Sandra Felgueiras, explicou que com o prémio vão criar uma sala de tratamentos Snoezelen, que consiste na estimulação a partir de equipamentos multisensoriais para pessoas com deficiências mentais.

No caso da Acreditar, o plano "Dreaming with survivors" vai procurar facilitar a inclusão social de crianças com cancro infantil através de atividades desenhadas por sobreviventes da doença.

Um deles, Paulo Ponte, afirmou que o projeto vai deixar a sua marca nos pacientes e "sensibilizar" a população para ver o cancro infantil "com naturalidade" e "sem sentimentos de piedade".

Por sua parte, a Tempos Brilhantes vai utilizar as atividades desportivas para melhorar a qualidade de vida social, física e emocional de pessoas desfavorecidas.

O presidente da Cepsa em Portugal, Álvaro Díaz Bild, ressaltou que o objetivo da companhia é "crescer no setor da energia" mas que também quer "um mundo melhor" através das iniciativas da sua fundação, tais como os "Prémios ao Valor Social".

A diretora operativa da Fundação Cepsa, Belén Candenás, qualificou de "orgulho" que as ideias financiadas pela entidade vão contribuir para que cidadãos portugueses melhorem a sua qualidade de vida.

A presidente do júri dos prémios, Conceição Zagalo, ressaltou que os vencedores desta edição estão focalizados em "questões prioritárias" e que as suas atividades levam à expansão da "solidariedade social".

Criados em 2005, os Prémios ao Valor Social vão distribuir este ano um total de 400.000 euros entre os melhores projetos apresentados nos centros da Fundação Cepsa em Portugal, Brasil, Gibraltar, Canárias, Madrid, Huelva e Colômbia.

[Adicionar comentário](#)[Versão para impressão](#)[Partilhar!](#)

“O nosso compromisso com Portugal é total”

Fundación Cepsa entrega 50.000€ a quatro Associações portuguesas na 9ª edição dos Prémios ao Valor Social

Decorreu esta quinta-feira, dia 19 de abril, na emblemática Sala do Arquivo nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa, a 9ª cerimónia de entrega dos Prémios ao Valor Social organizados pela Fundación Cepsa. Este é um programa que distinguiu quatro associações de solidariedade social, pelos seus projetos dedicados à melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Em Portugal, os prémios são atribuídos todos os anos e têm como o objetivo reconhecer e impulsionar iniciativas sociais que favoreçam a inclusão e o bem-estar da comunidade e pessoas carenciadas, assim como promover valores solidários, entre todos os colaboradores Cepsa.

Na cerimónia estiveram presentes Álvaro Díaz Bild, Presidente da Cepsa Portuguesa e Belén Candenás, Diretora Operativa da Fundación Cepsa. Outros convidados institucionais também marcaram presença, entre os quais: Enrique Santos, Presidente da Câmara de Comércio Luso Espanhola, Cecílio de Oviedo e Graciela de Andrés Novo, Conselheiros da Embaixada de Espanha e ainda Conceição Zagalo, Presidente do Júri dos Prémios ao Valor Social 2017 e Vereadora da Câmara Municipal de Lisboa.

Este ano, o donativo de 50.000 € foi repartido pelos projetos apresentados pela APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Centro Social do Soutelo, Acreditar e Associação Tempos Brilhantes, que se destacaram pelas suas iniciativas de acompanhamento a mulheres e crianças em risco, apoio social a crianças e jovens, dedicação e cuidado de crianças com cancro e à contribuição para a melhoria da qualidade de vida da população sénior.

Álvaro Díaz Bild, Presidente da Cepsa Portuguesa afirma: “A solidariedade é um dos cinco valores em que sustentamos a nossa visão de crescimento. Uma solidariedade interna que nos ajuda a crescer por dentro e uma vontade de a exteriorizar, de forma responsável. O nosso compromisso com Portugal é total.”

Também Belén Candenás, Diretora Operativa da Fundación Cepsa, confirma a importância do Prémio dentro das atividades da Fundación: “desde o início dos Prémios, em 2005, que já apoiámos 272 projetos, com um investimento de mais de 2 milhões de euros e beneficiando cerca de 30.000 pessoas em risco de exclusão social.”

Em 2017, a Fundação Cepsa atribuiu 400.000€ aos melhores projetos solidários e de inclusão social apresentados nos principais locais onde opera; Portugal, Brasil, Colômbia, Campo de Gibraltar, Canarias, Madrid e Huelva.

Em Portugal, esta iniciativa solidária obteve já um total de mais de 527 candidaturas, e premiou cerca de 39 associações até ao momento.

Este é um galardão que tem recebido reconhecimento ativo entre as associações de solidariedade social portuguesas, resultando num incremento significativo do número de candidaturas apresentadas aos Prémios todos os anos.

Fundación Cepsa entrega 50.000€ a quatro Associações portuguesas na 9ª edição dos Prémios ao Valor Social



SEX, ABR 20, 2018 15:07 CET

- O donativo de 50.000€ foi repartido pelos projetos apresentados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Centro Social do Soutelo, Acreditar e Associação Tempos Brilhantes.
- “O nosso compromisso com Portugal é total”, afirma Álvaro Díaz Bild, Presidente da Cepsa Portuguesa Petróleos.
- Os Prémios ao Valor Social já premiaram 272 projetos em todo o Mundo, contribuindo com mais de 2 milhões de euros para cerca de 30.000 beneficiários a nível global.

Decorreu esta quinta-feira, dia 19 de abril, na emblemática Sala do Arquivo nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa, a 9ª cerimónia de entrega dos **Prémios ao Valor Social** organizados pela **Fundación Cepsa**. Este é um programa que distinguiu quatro associações de solidariedade social, pelos seus projetos dedicados à melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Em Portugal, os prémios são atribuídos todos os anos e têm como o objetivo reconhecer e impulsionar iniciativas sociais que favoreçam a inclusão e o bem-estar da comunidade e pessoas carenciadas, assim como promover valores solidários, entre todos os colaboradores Cepsa.

Na cerimónia estiveram presentes Álvaro Díaz Bild, Presidente da Cepsa Portuguesa e Belén Candenás, Diretora Operativa da Fundación Cepsa. Outros convidados institucionais também marcaram presença, entre os quais: Enrique Santos, Presidente da Câmara de Comércio Luso Espanhola, Cecílio de Oviedo e Graciela de Andrés Novo, Conselheiros da Embaixada de Espanha e ainda Conceição Zagalo, Presidente do Júri dos Prémios ao Valor Social 2017 e Vereadora da Câmara Municipal de Lisboa.

Este ano, o donativo de 50.000 € foi repartido pelos projetos apresentados pela **APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima Centro Social do Soutelo, Acreditar e Associação Tempos Brilhantes**, que se destacaram pelas suas iniciativas de acompanhamento a mulheres e crianças em risco, apoio social a crianças e jovens, dedicação e cuidado de crianças com cancro e à contribuição para a melhoria da qualidade de vida da população sénior.

Álvaro Díaz Bild, Presidente da Cepsa Portuguesa afirma: “A solidariedade é um dos cinco valores em que sustentamos a nossa visão de crescimento. Uma solidariedade interna que nos ajuda a crescer por dentro e uma vontade de a exteriorizar, de forma responsável. O nosso compromisso com Portugal é total.”

Também **Belén Candenás, Diretora Operativa da Fundación Cepsa**, confirma a importância do Prémio dentro das atividades da Fundación: “desde o início dos Prémios, em 2005, que já apoiámos 272 projetos, com um investimento de mais de 2 milhões de euros e beneficiando cerca de 30.000 pessoas em risco de exclusão social.”

Em 2017, a Fundação Cepsa atribuiu 400.000€ aos melhores projetos solidários e de inclusão social apresentados nos principais locais onde opera; Portugal, Brasil, Colômbia, Campo de Gibraltar, Canarias, Madrid e Huelva.

Em Portugal, esta iniciativa solidária obteve já um total de mais de 527 candidaturas, e premiou cerca de 39 associações até ao momento.

Este é um galardão que tem recebido reconhecimento ativo entre as associações de solidariedade social portuguesas, resultando num incremento significativo do número de candidaturas apresentadas aos Prémios todos os anos.

Sobre a Fundación Cepsa

A Fundación Cepsa é uma entidade de interesse geral e sem fins lucrativos que tem como objetivo a realização de ações de âmbito social nas comunidades locais em que a **COMPañÍA ESPAÑOLA DE PETRÓLEOS S.A.U.** (Cepsa), desenvolve as suas atividades. Os âmbitos de atuação da Fundación Cepsa são de carácter social, cultural, meio ambiental, científico-educativo e desenvolvimento do desporto base. **Para mais informações:** www.fundacioncepsa.com



Cascais diz não à violência!

13-04-2018

Like 241 Share



Durante este mês Cascais reforça a sua posição no combate à violência contra crianças, jovens e mulheres. Considerado o Mês da Prevenção dos Maus Tratos na Infância e Juventude, em Cascais abril é também o mês de alertar para a violência doméstica contra mulheres.

Marcado pela campanha nacional "Apenas o Coração pode bater", o alerta para os maus tratos contra crianças e jovens chega aos cidadãos através de três iniciativas desenvolvidas pela Câmara Municipal de Cascais em parceria com a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Cascais (CPCJCascais). O objetivo é envolver a comunidade e alertar para o importante papel que todos podem/devem ter na prevenção dos maus-tratos às crianças, jovens e mulheres. Qualquer pessoa pode participar nas iniciativas:

– **Conferência "Abril 2018 – Licença para... Amar"**, dia 11 de abril, na Casa das Histórias Paula Rego em que foi apresentado o trabalho "Intervenção em Situações de Violência em Contexto Escolar" desenvolvido pelo Fórum Municipal de Cascais Contra a Violência Doméstica e o Projeto "Selo Protetor" lançado pela Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. Serão ainda dados a conhecer vários projetos de Boas Práticas na área da Prevenção.

– **Caminhada Laço Azul (2km)**, dia 28 de abril, às 9h00 da Praia da Duquesa (no Paredão) e **Formação de um Laço Azul Humano**, dia 28 de abril (+/- 11h00), junto à Praia do Tamariz, no final da Caminhada, onde também haverá momentos de animação com grupos de batuques do Concelho. Apareça vestindo uma peça azul! [Mais informações](#).

Distribuição de laços azuis | Porque os símbolos nos ajudam a identificar mais facilmente o que queremos dizer, ao longo deste mês serão distribuídos pequenos laços azuis e marcadores de livros. Nesta ação, a CPCJCascais irá sensibilizar o maior número possível de pessoas/instituições/estabelecimentos comerciais a usarem o Laço Azul durante o mês de abril como alerta para o problema dos maus tratos.

Campanha Contra a Violência Doméstica | As estatísticas assim o obrigam - 75% dos crimes reportados nos mais de 12.086 processos de apoio abertos pela Associação de Apoio à Vítima (APAV) em 2017 foram de violência doméstica - a Câmara Municipal relança a campanha desenvolvida pelo Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica. O objetivo é sensibilizar mulheres vítimas para a tomada de consciência da sua situação. Identificando quatro situações verificadas neste tipo de crime, a campanha sensibiliza as mulheres para a denúncia e a procurar a ajuda junto do **ESPAÇO V 210 994 321** e da **APAV 214 664 271** (Ver campanha).

Vídeos da campanha contra Violência Doméstica

Perseguição | Ele controla os locais onde vai ou segue-a?

Agressão | Ele já lhe bateu ou se impôs fisicamente fazendo-a sentir-se desconfortável?

Violência sexual | Já se sentiu forçada a ter relações sexuais com ele contra a sua vontade?

Controlo | Ele alguma vez a proibiu de falar com amigos ou familiares?

A violência doméstica é crime

13 ABR 2018

MAIS SOBRE

CascaShopping (23)

Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica (1)

violência doméstica (2)

PARTILHA



O Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica e o CascaShopping voltam a estreitar a sua parceria para chamar a atenção para o flagelo da violência doméstica.

Nos próximos tempos, vai encontrar informação sobre como lidar com este crime público, na Loja Cascais do nosso Centro. Por aqui encontrará não só folhetos mas também quatro vídeos em que o foco são as mulheres-vítimas, confirmou Sónia Franco, Técnica Superior Divisão de Desenvolvimento de Recursos Sociais da Câmara Municipal de Cascais, que adiantou que é uma meta deste Fórum fazer igualmente uma campanha dirigida às vítimas masculinas da violência doméstica.

A autarquia de Cascais relança esta campanha na sequência de estatísticas que continuam desanimadoras: 75% dos crimes reportados nos mais de 12.086 processos de apoio abertos pela Associação de Apoio à Vítima (APAV) em 2017 foram de violência doméstica. O objetivo é sensibilizar a sociedade mas também as mulheres vítimas para a tomada de consciência da sua situação.

Tome conhecimento das respostas essenciais que podem marcar a diferença e conheça os quatro vídeos produzidos no âmbito desta campanha.

O que é o Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica?

Trata-se de um conjunto de cerca de 40 instituições, de natureza pública e privada, com intervenção em áreas diversificadas – social, saúde, educação, deficiência, envelhecimento, infância, juventude, justiça e forças de segurança – que se organizam enquanto plataforma com o objetivo de prevenir e combater a violência doméstica no concelho de Cascais, através da articulação institucional e da

O que é afinal a violência doméstica?

A violência doméstica é um fenómeno complexo, com graves consequências a nível individual, familiar e social, que exige uma intervenção concertada e multidisciplinar. Traduz uma variedade de comportamentos utilizados por uma pessoa para controlar e dominar outra com quem tem, ou teve, uma relação íntima ou familiar. A violência doméstica resulta de um comportamento violento continuado ou de um padrão de controlo coercivo. Raramente é um acontecimento pontual e tende a aumentar com o tempo em frequência e gravidade. A violência doméstica é um fenómeno transversal na sociedade, ocorre independentemente da idade, sexo ou condição socio-económica. A maioria das vítimas é do sexo feminino e os agressores do sexo masculino.

A violência doméstica é um crime público e pode ser denunciado por qualquer pessoa?

Sim, porque viola os direitos humanos, põe em causa o bem-estar das vítimas e o desenvolvimento das crianças envolvidas, ameaça as famílias, as comunidades em que se inserem e a sociedade como um todo.

De que forma o Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica intervém?

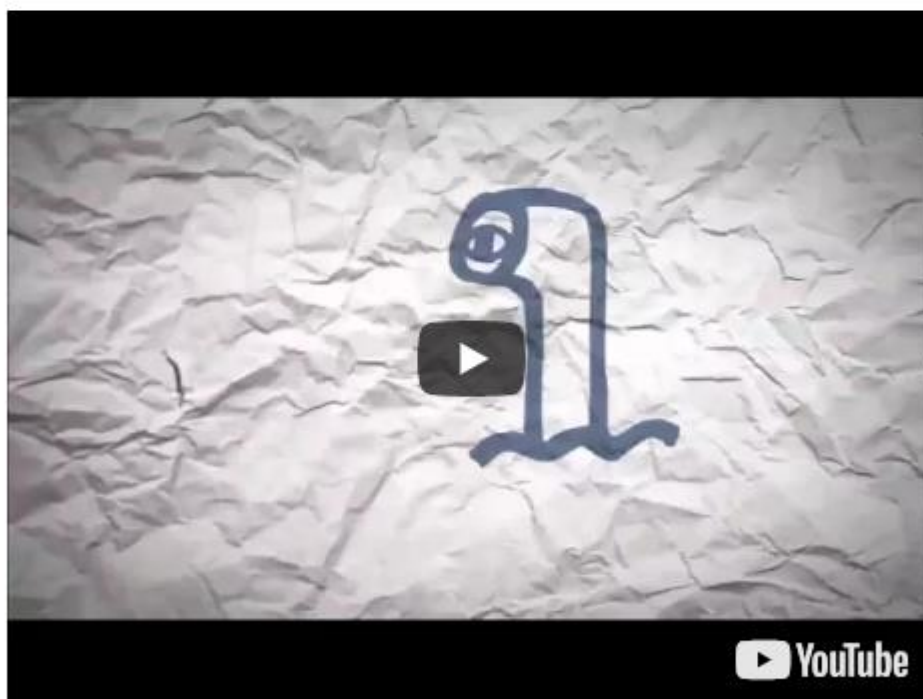
Promove o conhecimento do fenómeno da violência doméstica no concelho de Cascais, numa lógica de investigação e de ação; previne comportamentos violentos em pessoas adultas, jovens e crianças; proporciona respostas de qualidade a vítimas nas diversas instituições do Concelho de Cascais e tenta minorar os impactos diretos e indiretos da violência; intervém junto de agressores conjugais com o objetivo de diminuir a reincidência e prevenir a (re)vitimização; e disponibiliza uma resposta habitacional temporária e diferenciada às vítimas.

Como saber se é vítima de violência doméstica?

Nos quatro vídeos em exibição na Loja Cascais, no CascaiShopping, vai encontrar quatro perguntas – que nós replicamos aqui. Se responder afirmativamente a uma (ou mais), sabe que está a ser vítima de violência doméstica. Não se deixe isolar, existem serviços especializados que a podem apoiar.

É controlada nos locais onde vai ou seguida?

Se se encontra numa situação em que a pessoa com quem tem ou teve uma relação de intimidade, controla ou tenta controlar os seus movimentos, restringindo a sua liberdade pessoal e sente que não consegue escapar, poderá estar a ser vítima de violência doméstica.



O seu companheiro já lhe bateu ou se impôs fisicamente fazendo-a sentir-se desconfortável?

A violência doméstica assume muitas formas e raramente se reduz a um acontecimento isolado. Neste crime incluem-se não só as agressões físicas graves mas qualquer tipo de maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e outros comportamentos abusivos.

Já se sentiu forçada a ter relações sexuais contra a sua vontade?

A violência sexual no contexto de um relacionamento íntimo inclui qualquer comportamento em que o agressor força a companheira a protagonizar atos sexuais (relações sexuais ou outros atos de índole sexual) que esta não deseja. Nenhuma forma de abuso sexual é justificável.



O seu companheiro alguma vez a proibiu de falar com amigos ou familiares?

O carácter privado da vida familiar, a dependência económica e/ou afetiva em relação ao agressor, a dificuldade em aceitar a rutura do relacionamento, o medo de novas agressões e o desconhecimento sobre os apoios disponíveis, são alguns dos motivos que impedem as mulheres de procurar ajuda, ou de dar a conhecer a sua situação.

Nunca é demais repetir: não se deixe isolar, existem serviços especializados que a podem apoiar!

Na dúvida contacte:

APAV: 214 664 271

apav.cascais@apav.pt

Espaço V: 210 994 321

espacov.cascais@gmail.com

Para todos aqueles que se queiram solidarizar com este tema, no dia 28 de abril, pelas 9h, decorrerá a Caminhada Laço Azul, a partir da Praia da Duquesa. No final desta caminhada, pelas 11h, junto à Praia do Tamariz, será formado um Laço Azul Humano, símbolo que pretende alertar para este problema.



NEWS >

Ad of the Day: Portuguese charity riffs on domestic abuse excuses with room made of stairs

Creative Works By Katie Deighton - 23 April 2018 08:00am



The campaign conceptualises two surreal rooms

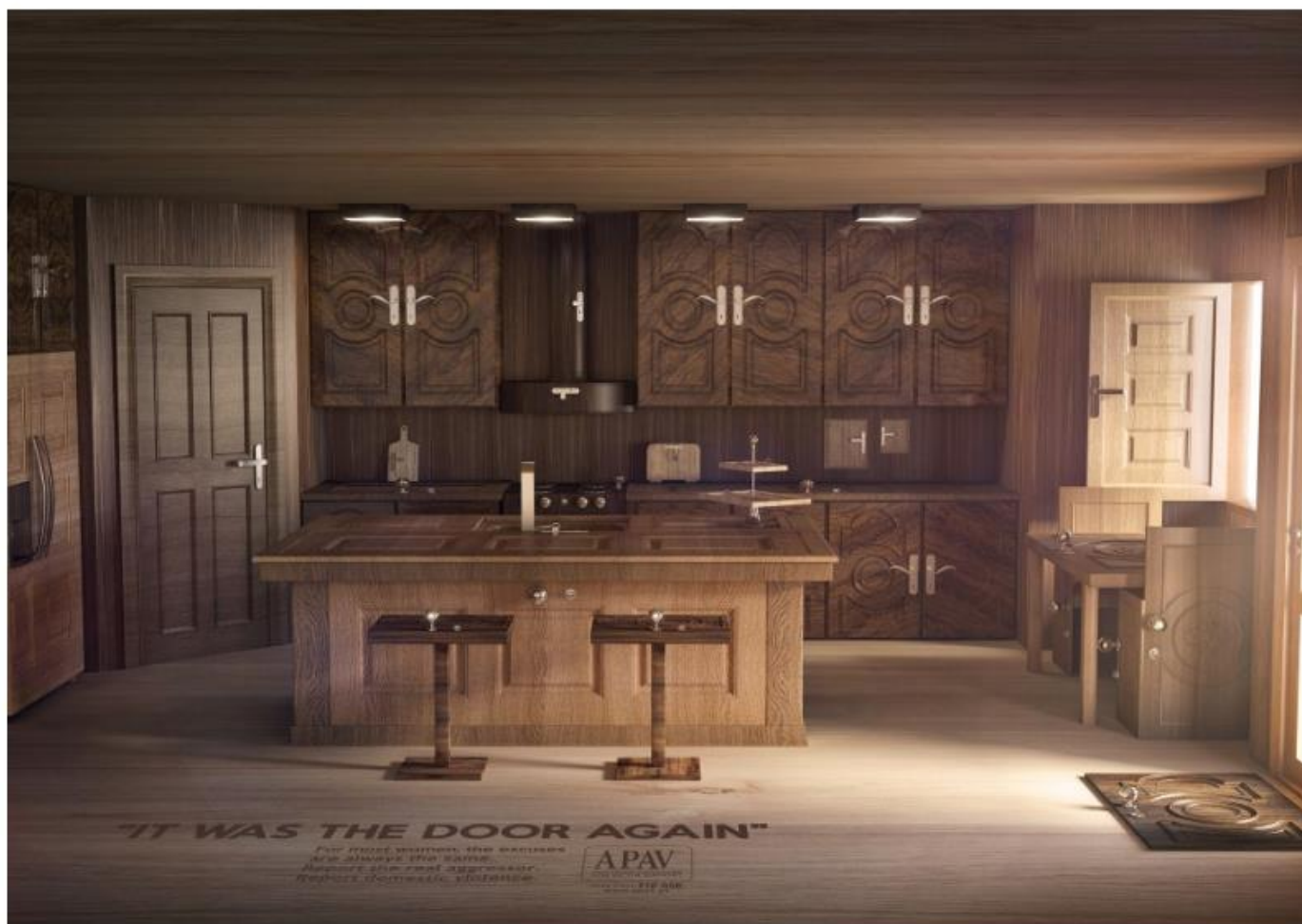
APAV, the Portuguese Association for Victim Support, has unveiled two mind-bending posters that draw attention to common excuses used by survivors of domestic abuse.

Created by **FCB Lisbon**, the poster campaign was borne out of information from the client that most abused women go to hospital with excuses that hide the violence. APAV highlighted two of the most popular phrases - 'It was the door again' and 'I fell down the stairs' and passed them to the agency.

FCB then conceptualised two surreal, uncanny rooms that would prove the women's excuses to be true. One is a room made entirely of stairs, while another is made entirely of doors.

Engraved into the walls are doors of each is the end line: 'For most women, the excuses are always the same. Report the real aggressor. Report domestic violence.'

The campaign will run in local magazines and newspapers, while posters will also be posted at universities, hospitals and health centres.



APAV – Portuguese Association for Victim Support: Excuses by FCB Lisbon

Added 17 days ago
Agency: **FCB Lisbon**

Overall Rating

★ 5/5

[Vote >](#)